

★★★
REVISTA

EDIÇÃO Nº 91 | JANEIRO DE 2023

CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE AMAMOS LIVROS

Distribuição Gratuita

ISSN 2448-1068

www.revistaconexaoliteratura.com.br

2023



ADEMIR PASCALE



BAIXE
GRATUITAMENTE O
E-BOOK **JORNAL EM
SÃO CAMILO DA
MARÉ**, POR
ADEMIR PASCALE

CONFIRA

ARTIGOS, RESENHAS
CONTOS, POEMAS, GRÔNICAS,
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS
E MUITO MAIS...

ÍNDICE

CONTÉÚDO

Expediente,	pág. 03
Editorial, por Ademir Pascale,	pág. 04
Cães em alta, por Bert Jr.,	pág. 06
Poema: Pet, por Bert Jr.,	pág. 10
Fotografias são de fato os retratos da alma, por João Bosco de Camargo Millen,	pág. 12
Poema: A vela na escuridão, por Roberto Schima,	pág. 16
Dicas para leitura,	pág. 18
Poema: Semeia palavra, por Henrique Cananosque Neto,	pág. 20
Essa parada de acreditar ou não em Deus, por João Bosco de Camargo Millen,	pág. 21
Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa,	pág. 25
Poemas de Wanda Rop,	pág. 31
Literatura e animalidade: alguns apontamentos a partir de "Teleco, o coelhinho", por Alvaro Daniel Costa,	pág. 35
Poema: Utopia, por Mirian Menezes de Oliveira,	pág. 39
E no Nirvana reinventado, ou no Panta Rhei que fluo e saio Vou, sou e passo, mas lá, e ainda me acho, por Marcelo Gomes Jorge Feres,	pág. 42
O vento e as esquinas, por Mônica Palacios,	pág. 47
Entrevista com Edilson Gomes de Lima,	pág. 49
Entrevista com Eduardo Maciel,	pág. 53
Entrevista com Hanna Silva,	pág. 57
Entrevista com Kiko Ferreira,	pág. 64
Entrevista com Roberto Marcio,	pág. 69
Entrevista com Renato Alves,	pág. 73
Entrevista com Susete Mendes,	pág. 78
Citações de grandes autores,	pág. 85
Conto: Virado à paulista (parte I), por Bert Jr.,	pág. 90
Conto: Se o alvorecer assim o permitisse, por Roberto Schima,	pág. 98
Conto: Bonitinho, por Idicampos,	pág. 110
Conto: Dinheiro velho, por Iraci J. Marin,	pág. 115
Conto: Humanoide das profundezas, por Ney Alencar,	pág. 119
Imprima e jogue:	127
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura,	pág. 129



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

NÉLIDA PIÑON

"Os sentimentos nascem e morrem encarcerados na mesma concha, raramente indo ao encontro do sol."

MARIANA SALOMÃO CARRARA

"Será que o vago-lume pisca de dor? Se eu pudesse brilhar de dor eu seria um escândalo."

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd

Editor



Ademir
Pascale

EDITORIAL

Queridos leitores!

Iniciamos o ano com a edição de nº 91, repleta de informações sobre o universo dos livros, entrevistas, contos, poemas e muito mais.

Que esse novo ano seja próspero e que possamos enfrentá-lo com muita garra e sabedoria. E que nada desvie o foco de nossos objetivos.

Tenha uma ótima leitura!

Ademir Pascale

CONTATO:

e-mail: ademirpascale@gmail.com
site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



Journal em Camilo da Maré

Três jovens interligados vivenciam as feridas que nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo

MAFRA
EDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: [CLIQUE AQUI](#)

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Cães



Por Bert Jr.

Em Alta



Tive um fraco por cães na juventude, o que me levou a três tentativas de ter um deles como animal de estimação. Todas as vezes, no entanto, por uma razão ou por outra, acabei dando o cãozinho a um novo dono mais apto do que eu para a função. No fim das contas, após incontáveis idas ao veterinário, confesso que quem terminou vacinado fui eu. Isso não significa que eu não continue gostando de cães, apenas que não desejo mais ser responsável por nenhum deles.

O fato de ter tido uma paixão por cães durante um bom tempo em minha vida me habilita, hoje, a entender o fascínio que exercem sobre a maioria das pessoas em praticamente todo o mundo. Com suas raças dotadas de tantas cores, tamanhos e temperamentos diferentes, mas sempre capazes de se comunicar entre si e sociabilizar alegremente, os cães – muito mais do que os gatos – nos proporcionam lições de convivência em meio à diversidade.



Nada mais natural, portanto, que muita gente esteja pensando em incorporar um espécime canino à família no ano que recém começa. Se você faz parte desse grupo, e ainda não se decidiu por nenhuma raça específica, trago informações valiosas sobre um punhado de novas linhagens caninas, surgidas nos tempos recentes, que vêm ganhando espaço na atualidade. Além de ampliar suas possibilidades de escolha, saber ao menos o básico sobre essas raças em alta, descritas abaixo, poderá ajudar nas conversas com outros donos de cães, ou numa eventual afiliação a um clube de cinófilos.

1- Borderline collie. Cão de temperamento em princípio dócil, porém deveras suscetível a qualquer gesto de desaprovação. Por ser desaconselhável repreendê-lo, o treinamento do borderline collie é no mínimo extremamente delicado e penoso, para não dizer impossível. Assim, ao optar por essa raça simpática, você deve estar consciente de que a tolerância às infrações domésticas será uma constante em sua vida. Todos os dias, será você o responsável por localizar e limpar os dejetos caninos deixados pela casa. Detalhe: você jamais poderá gritar com o borderline collie se ele resolver fazer as necessidades no seu quarto, ou mesmo na sua cama. Muito espertos, os borderline collies irão choramingar com insistência até conseguir o que desejam, seja um passeio no parque quando você está menos disposto, seja o melhor pedaço da suculenta refeição em seu prato quando você está faminto.

2- Cão-esquimó bipolar. Originária do cruzamento entre espécies dos dois polos planetários, essa raça caracteriza-se pela capacidade de mudar radicalmente o humor (o do cão e, em sequência, também o do dono) de uma hora para outra. Trata-se de um moderno cão de trabalho, adaptado aos ambientes refrigerados das grandes cidades. É frequente que as tarefas atribuídas ao cão-esquimó bipolar sofram paralisações em sua execução, às vezes por longos períodos, porque o espécime em questão mais parece um urso hibernando numa caverna. Em tais situações, o cão apresenta-se apático, sem ânimo até para latir. Por outro lado, o atraso na execução das tarefas poderá ser amenizado, ou eventualmente nem ocorrer, caso o tempo perdido venha a ser compensado pela alta velocidade desenvolvida pelo cão-esquimó bipolar quando este se põe eufórico, ao sair da fase depressiva.

3- Dogue neonazi. Por sua assustadora agressividade, o dogue neonazi é vocacionado para o serviço de guarda da família, do patrimônio e dos valores nacionalistas mais extremados. É uma raça de porte avantajado, com maxilares fortes, que asseguram uma mordida potente e brutal. A pureza do pedigree é aferida pelo exame do olho, que deve ser de um azul gélido e ter a íris cercada de veios sanguíneos salientes. Outras características da raça são o rosnado constante, o latido estrondoso e a boca espumante enquanto late. O dogue neonazi é muito obediente, podendo ser treinado com facilidade para atacar todo e qualquer suspeito. Apesar de excelente escolha para cão de guarda, convém estar-se ciente de que os cães dessa raça nunca atacam indivíduos brancos e que aparentem prosperidade.

4- Galgo de carreirismo. É a raça preferida como mascote nos ambientes corporativos. Esses cães estão sempre prontos a executar qualquer tarefa, demonstrando especial eficiência em lambe os sapatos de quem se encontra no comando. Um galgo de

carreirismo é capaz de acelerar de 0 a 100 km/h num corredor de menos de 30 metros, desde que receba um chamado da extremidade onde está localizado o escritório da chefia. Pode-se incrementar o rendimento do galgo de carreirismo se, em vez de uma lebre, se colocar diante de seu focinho o par de sapatos do chefe, ou acenar-lhe com uma possível promoção ou outra recompensa dentro da estrutura corporativa. Embora útil, e ocasionalmente divertido, o galgo de carreirismo muda de dono com facilidade, bastando que lhe ofereçam oportunidades melhores de recompensa.

5- Glúten retriever. Raça preferida daqueles que seguem dietas ou sofrem com restrições alimentares, o glúten retriever é, sem dúvida, um grande aliado quando se trata de implementar medidas de controle de peso. Dotados de um faro de invulgar sensibilidade, os indivíduos dessa raça são capazes de rapidamente acusar a presença de glúten em qualquer alimento. Quando isso acontece, o cão começa a ganir e salivar, olhando com insistência para o dono até que este lhe dê autorização para devorar a porção gluteica. Portanto, o glúten retriever não apenas indica o risco alimentar, como também o elimina completamente, garantindo a segurança e o bem-estar de seu dono. Talvez por isso, as estatísticas têm mostrado que os donos de glúten retrievers vivem acima da média. Infelizmente, não se pode dizer o mesmo dos cães dessa raça, que vivem, em média, apenas metade do tempo das demais raças.

6- Lulu da pomucrânia. Derivados de uma antiga linhagem de pequenos cães de companhia, os lulus da pomucrânia têm sofrido mutações recentes, que vêm fazendo aumentar o interesse do público pela raça. Sua característica diferencial mais importante é a capacidade de, uma vez desafiados, se transformarem de pacatos cãezinhos domésticos em ferozes lutadores de rua. Nesse processo de transformação, os lulus da pomucrânia podem dobrar, triplicar, ou mesmo, a depender da natureza do desafio, quadruplicar de tamanho. Registram-se casos em que lulus da pomucrânia deram surras homéricas em borzóis e outros grandalhões do gênero. Entretanto, quem se interessar pela raça deve saber que seu comportamento se encontra em estudo, não sendo ainda possível determinar até onde pode crescer um lulu da pomucrânia.

7- Pastor das periferias. Os pastores das periferias são cães especializados não só em reunir rebanhos, mas em fazê-los sentir-se protegidos contra inimigos invisíveis. Para tal fim, os pastores das periferias mantêm uma curiosa divisão de trabalho: enquanto uns uivam à noite, escondidos, dando a impressão de haver lobos ferozes por perto, outros circulam em torno, latindo alto, projetando uma ação protetora, de efeito tranquilizador sobre o rebanho. Os que se interessarem pelos serviços dos pastores das periferias devem ter presente que essa raça de cães de trabalho é de manutenção onerosa, requerendo o esforço de todo o rebanho para sua alimentação, moradia e lazer.

8- Thai boxer. Apesar de amáveis, os thai boxers não perdem a oportunidade de entrar em luta com outros cães. Por isso mesmo, passear com o seu thai boxer pode ser para lá de cansativo. Sua maior particularidade é que, ao lutar, o thai boxer não morde, valendo-se exclusivamente das patas e do rabo para atacar e se defender. Quando treinados pelo próprio dono, desenvolvem com ele um vínculo perene, convertendo-se em protetores fiéis, dispostos a dar a vida por seus amos. O único problema é que o treinamento

costuma ser bastante doloroso para quem está no papel de treinador, o que faz muitos donos de thai boxers desistirem do processo após sofrerem as primeiras lesões.

Os que optarem por qualquer das raças acima e quiserem enviar comentários relatando as experiências vividas com os seus cães, tudo bem. Só não me escrevam para dizer que não foram devidamente avisados.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e acaba de publicar um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiro*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.



PET

Por Bert Jr.

Clarice sente nojo
do rato morto
mas o revive no assombro
da gratidão esbofeteada

Poe empareda
o gato
exceto não pelo rabo
mas seu miado macabro

Borges intui e desenha
fictícios seres
nos labirintos em que passeia
em divina cegueira

quem dera impossível fosse
dormir com tanta zoeira
e sonhar que um deles viesse
me transformar em seu pet

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, Do Incisivo ao Canino, e acaba de publicar um novo livro de poemas, intitulado Nevoandeiro. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr.
Site: www.bertjr.com.br.



atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



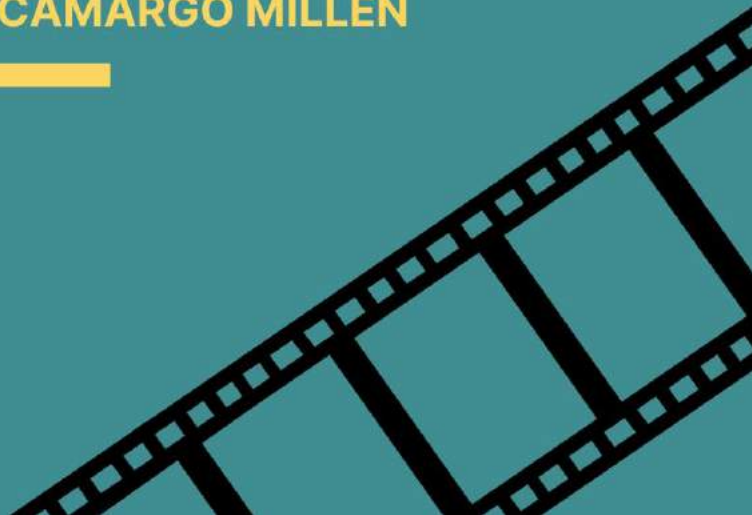
ENTRE EM CONTATO
ademirpascale@gmail.com



Fotografias são de fato os retratos da alma



POR JOÃO BOSCO DE CAMARGO MILLEN



Fotografias são de fato os retratos da alma. A contabilidade São José fechou as portas na cidadezinha no ano de 1997, mas por meio da nossa curiosidade advinda dos porta-retratos e dos fuxiriqueiros, teremos como contar precisamente os fatos ocorridos na ocasião. Reza a lenda que a primeira moça que nos chamou a atenção, embora muito se esforçasse, não se conectava bem com algumas coisas. Em contrapartida, era atrevida e quando a situação apertava, dava os seus pulos. Sempre adiante, com as armas que empunhava e os recortes que conhecia, se virava. Afinal de contas, havia hierarquias para avaliar corretamente a performance da donzela e, nesse sentido, muitos seriam os pontos a serem considerados. Ela era eficiente no trabalho e na vida afetiva: prevenida! *Virona* era a palavra que a traduzia, pois, para seus eventuais rompantes afetivos e de euforia, levava consigo o que ela própria denominava de kit de sobrevivência feminina. Na fantasia de rainha teria que se sustentar perfumada, maquiada, usar roupas modernas e, obviamente, ter na cabeça algum traquejo social pelo maior tempo possível. Seria necessário deixar transparecer nessas ocasiões que gostava de se sentir senhora das situações. No ambiente de trabalho falava do que sabia com pouquíssima autoridade e inversamente do que não sabia com absoluta eloquência. Ficava ofendida quando por picardia as colegas a chamavam de *Ofélia* - segundo ela, a inveja as mataria. Mas o que importa aqui é que do alto do salto da sua majestosa significância, resolveu flertar com Antenor.

Intimidado com o leque de cílios postiços e olhares fulminantes, o introvertido rapaz convidou-a, ou melhor dizendo, sentiu-se intimidado a convidá-la para jantar. Ao contrário da jovem senhora, Antenor era homem recatado, desses que se assemelhavam a uma boa xícara de café com leite morno — cabe aqui um adendo, uma melhor explicação sobre a personalidade do moço: embora fosse um sujeito "bonzinho", era também insípido e inodoro. Não nos compreenda mal, não é uma forma pejorativa de tratamento, mas creiam, existiam mesmo algumas relações entre o ser e o apelido.

Por trabalharem na mesma repartição, todos os dias Dedé assistia à atarracada criatura sentar-se à mesa usando calça jeans surrada, daquelas que aparecem o rego, associada às tradicionais camisas polo. As cores de sua predileção variavam para as paletas extremamente rebaixadas, que iam do off-white para os matizes do nude, deixando-o desta forma mais apagado ainda. As claras mesclas de cinza também lhes eram fartamente exploradas. Os cabelos cacheados estavam sempre oleosos, parecendo que pingariam a qualquer instante por sobre a mesa. Não sei se pelas madeixas sempre com aspecto molhado, ou por outro motivo qualquer, apelidaram-no de pingado. Nunca ninguém tirou a limpo a origem deste apelido e, para esse fato, as pessoas contavam as mais variadas versões. Talvez por ter estatura mediana, um metro e setenta, e estar bastante acima do peso, seria racional a possível associação com uma xícara de café com leite. Chamá-lo de desmazelado por chamar não era completamente compatível, embora, algumas constantes atitudes pudessem fazer com que as pessoas o vissem desta forma.

Ainda na mesma relação entre desleixo e vestuário, outra peça importante do guarda-roupas do moço era o tênis canoa. A justificativa, dele próprio, de tanto usar o tal tênis estava no fato de ser fácil de se colocar e de retirar — por essa facilidade, era constantemente flagrado com as pernas arreganhadas, descalço, de meias encardidas, com seus pezinhos gordos e salientes por debaixo da sua mesa de trabalho. Fato era que para

algumas coisas funcionava com eficiência: era sempre ele quem anunciava a hora do café, do almoço e do final do expediente. Auxiliadora, a moça cristã da limpeza, por observar nele esses hábitos, só o chamava de rádio relógio.

O dia marcado para o jantar foi comemorado com efusividade por Dedé, mas segundo as invejosas do escritório, a jovem senhora só queria se prevalecer para cima do moço e se exibir para as mulheres do recinto. Norma chegou a dizer que ela só investia para cima do Antenor porque sabia que seria fácil. “Quero ver seduzir o Sr. Newton, que é o dono, ou o Armando, gerente”, ponderou ela. Segundo Norma, ficaria falando sozinha se tentasse seduzi-los. Mas invejas a parte, todo dia marcado chega e o do jantar chegou!

Vestida tal qual uma personagem de cinema e com todo roteiro na cabeça, Dedé apresentou-se de vestido, bolsa e scarpin de verniz vermelho. Foi decidida a fatalizar. Ainda em pé no restaurante, antes de sentar-se, chamou um garçom que perambulava e, obviamente, lhe pediu um Blood Mary para combinar com tudo. Ficou por um tempinho em pé tomando o drink e exibindo-se com caras e bocas para o discreto pingado.

Sentaram-se à mesa e a dona da cena não demorou a fazer uma de suas "ofelhices" e sujeitar-se a uma boa gafe. Sem lhe pedir permissão pediu de entrada um couvert. O coitado do moço, o pagante em questão, só tinha feito as contas para a refeição acompanhada de coca cola e sobremesa, não contava com os coquetéis e as entradas. E quando o pedido inicial chegou à mesa, a demonizada Dedé reclamou com o garçom do fato do couvert não ter sido confeccionado de forma muito artística, afinal de contas, a seu ver, tratava-se de um couvert artístico.

A falsa refinada passou despercebida aos olhos do pingado, pois o parvo cidadão não captou o ocorrido e rendeu-se completamente aos caprichos da sirigaita, mesmo que a expansão dela implicasse a retração dele. Na sua máxima atitude de submissão e de recolhimento — e sob a alegação de não estar com fome —, restringiu o seu prato a uma garrafa de fanta laranja e aos pãezinhos com manteiga e pickles. A moça esbanjou apetite: se divertiu no tournedor punchado na manteiga com petit-pois e novamente pisou na bola quando reclamou, como é natural de toda pessoa chique, das ervilhas servidas com o prato, afinal de contas, pediu o seu prato tão somente com petit-pois e este último item não teria vindo, somente as ervilhas. Mas o que importou é que nessa noite de lascívia com propensão a todos os itens que envolvem a questão — sensualidade exagerada, lubricidade, vaidades, luxúria e orgias —, o Café com Leite virou quentão. Exatamente: o cabação foi sugado de canudinho pela pecaminosa pomba da madrugada.

As más línguas dizem que pingado apareceu no dia seguinte no trabalho cintilando como chapeado nas rodas de samba. Desfez-se dos cachos e os substituiu por um penteado John Travolta. Chegou de botas e, pelo que informaram, a epifania sexual endireitou a sua "pressão baixa". A partir daquela noite, as apologias sobre a sexualidade foram fartamente proferidas da sua boca e ouvidas a distância pelos necessitados, pois, para toda natureza neurótica que se apresentasse, o ex-cara pálida dizia que era falta de sexo.

O romance com Dedé não durou muito, pois, para desafiar a maledicente fofoqueira, Dedé, o furacão da maçã do amor, casou-se com o sr. Newton, dono da contabilidade. Pelos registros afetivos da empresa, Norma, a fofoqueira, entrou na fila do

bandejão para namorar o ex-pingado, atual milk shake. A única que ficou fora desse bumba-meu-boi foi a fidelíssima Auxiliadora que, afinal de contas, era cristã — e que por esse motivo vivia a repetir que aquele mundo de meu Deus era muita loucura para uma cristã.

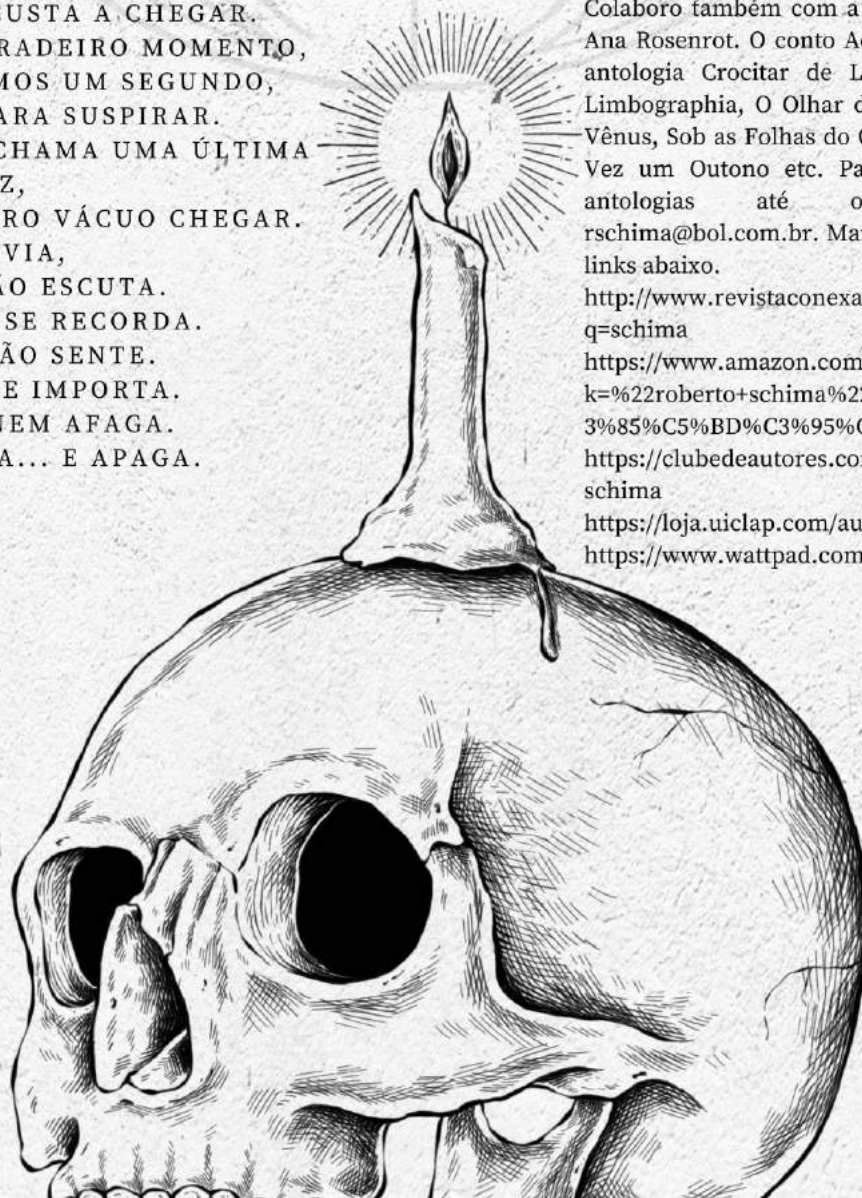


João Bosco de Camargo Millen: Sou doutor e pós doutor em filosofia/ estética da arte, sou filósofo, psicanalista, escritor e autor das obras, Atlas Mnemosyne, "Imagem loucura e Pensamento" e "Entre a sombra e o Assombrado".

POR ROBERTO SCHIMA

A Vela na Escuridão

QUANDO NOSSA LUZ APAGAR E NADA
MAIS OUVIR,
ESTAREMOS DE FATO PRONTO PARA A
GRANDE ESCURIDÃO?
O NADA EM SUA MAIS PURA ESSÊNCIA.
O VAZIO ANTERIOR A TUDO.
SEM MEMÓRIAS,
SEM LEMBRANÇAS,
SEM RISOS OU LÁGRIMAS,
SEM ACALENTAR ESPERANÇAS OU
AMARGAR DECEPÇÕES,
SEM UM PASSADO PARA RECORDAR OU
UM FUTURO PARA ABRAÇAR.
APENAS UMA TELA EM BRANCO, SEM
BRANCO PARA PINTAR.
AS VEZES, ACREDITAMOS ANSIAR POR
ESSE SOPRAR,
ESSA BRISA QUE CUSTA A CHEGAR.
MAS TALVEZ NO DERRADEIRO MOMENTO,
HESITEMOS, PEÇAMOS UM SEGUNDO,
UM LAMPEJO PARA SUSPIRAR.
FAZER TREMULAR A CHAMA UMA ÚLTIMA
VEZ,
ANTES DO DERRADEIRO VÁCUO CHEGAR.
TODAVIA,
O TEMPO NÃO ESCUTA.
O TEMPO NÃO SE RECORDA.
O TEMPO NÃO SENTE.
TAMPOUCO SE IMPORTA.
NÃO BATE, NEM AFAGA.
APENAS CHEGA... E APAGA.



Roberto Schima é paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série Trevo Negro de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio O Monstro Invisível, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agradado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record), pela história Como a Neve de Maio. As histórias Abismo do Tempo e O Quinto Cavaleiro foram contempladas pela revista digital Conexão Literatura, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital LiteraLivre, de Ana Rosenrot. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). Escrevi: Limbographia, O Olhar de Hirosaki, Os Fantasmas de Vênus, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participei de duzentas e nove antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

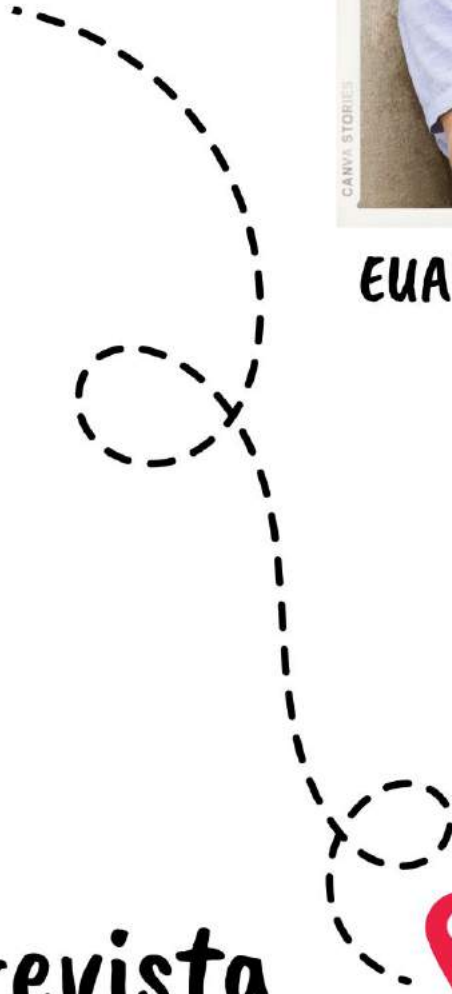
https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

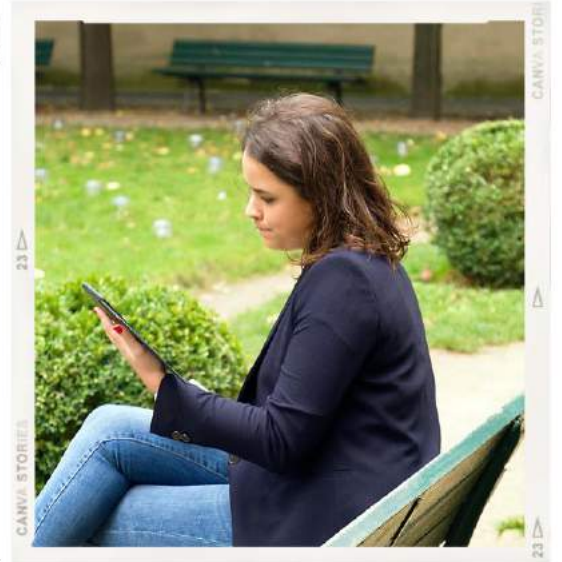
<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

Revista Conexão Literatura



EUA



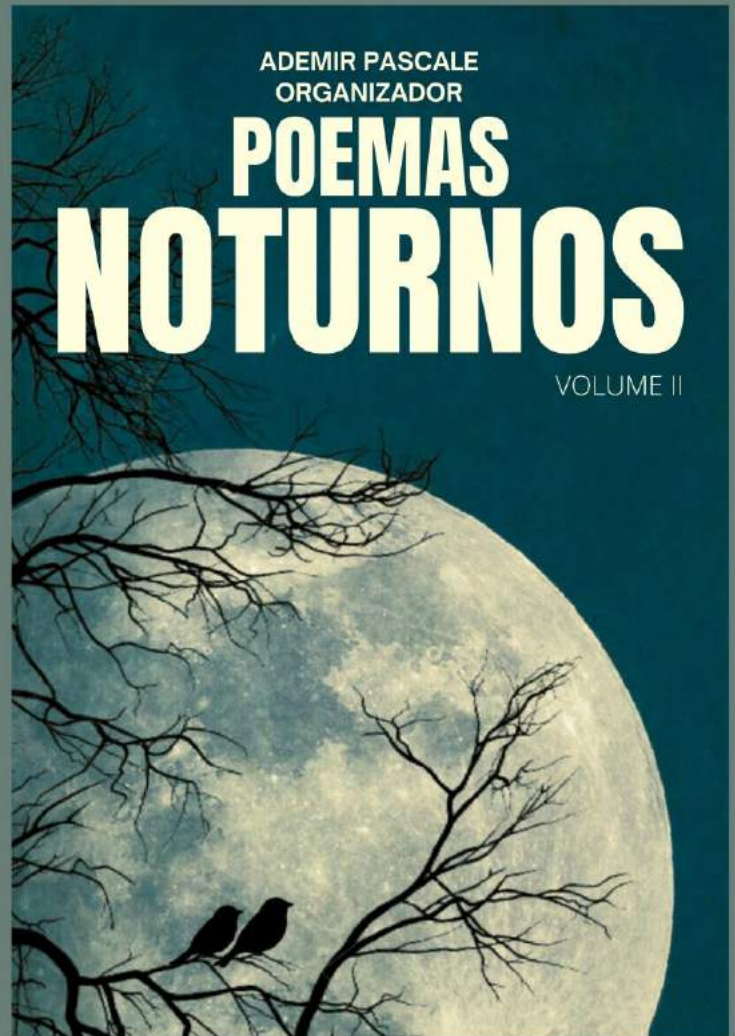
Portugal



A nossa revista
viaja num 
segundo até você

DICAS PARA LEITURA

POEMAS FLORAIS - VOL. II, REÚNE POEMAS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



POEMAS NOTURNOS - VOL. II, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

x x x x
x x x x
x x x x
x x x x

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

- **DIVULGUE
PARA + DE
300 MIL
LEITORES**

R\$ 150

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**

SEMEIA PALAVRA

*Por
Henrique
Cananosque Neto*

Semeia, sê meia... quem lavra?

Labuta na terra bruta

Olhava, tentava, buscava

Anseio litera tua

Planeja, coleta nada

Pontua na esfera crua

Cria, recria espada

Ferida libera nua

Festeja, esteja a fada

Atua na eterna abrupta

Ficava, focava, cava

Enseja lidera lua

Sê meia? Semeia quem lavra

Labuta na terra... luta

Lava, lavra palavra

Conecta literatura

Nascido na cidade de Lins - SP, Henrique Cananosque Neto possui formação em Letras, Psicologia e Música. Atua como professor no CEEJA de Lins. Cursa mestrado no Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica na Unesp de Bauru. Participa como músico do Grupo Musical "Querigma" da Paróquia São Judas Tadeu de Lins e da Banda Municipal "Benedito Marinho" de Lins. Participa de coletâneas literárias desde 2008.



Por João Bosco de Camargo Millen

Essa parada de acreditar ou não em

DEUS

**Nos estudos de casos, o relato de número um
chamaremos de "caso Zaqueu"**



Essa parada de acreditar ou não em Deus merece considerações profundas. Esse texto é quase uma pesquisa científica do nosso direito de ser ou não ateu. Isso mesmo, o ateísmo constitui-se como uma espécie de religião seríssima, fundamentada no propósito incisivo de desdizer bíblias, alcorões, baghavad gita e congêneres. O ateu dedica a sua vida a tirar sarros de todas as religiões, fundamentando-se em preceitos freudianos, nietzscheanos e se bobear evoca até a Disney World para se amparar na tecnologia como criadora de todas as coisas. Para que isso aqui seja uma semiciência, será necessário estudo de casos, estatísticas e... Fé, muita fé! Mas, que fique claro, não é fé em Deus, é fé em alguma coisa perfeitamente permitida: fé no ar, na natureza, na banana da terra, na cor vermelha, na plumagem do pavão, no Google, na farinha cetogênica, no limão siciliano, na peruca, na romã de ano novo, menos em Deus.

Nos estudos de casos, o relato de número um chamaremos de "caso Zaqueu". Ele tem 28 anos, tez branquinha, (usa muito filtro solar 70), é piloto de parapente e se viu às voltas com um vento contrário que trançou o seu aparelho. O moço estava a muitos e muitos pés da terra, viu-se no ar girando feito uma criança no chapéu mexicano de um parque de diversões de quinta. Denomina-se de quinta quando os brinquedos são velhos e inseguros (sic). Atônito, o moço puxou o dispositivo do paraquedas e como num ato de heresia, gritou "Meu Deus, estou fudido!"(sic). Fato é que imediatamente o melhor lhe aconteceu, a segura providência se abriu! O sobrevivente deslizou tranquilamente e pousou num gramado que se assemelhava aos jardins celestiais. Não sei se por esquecimento, o fariseu, ao se ver são e salvo, cometeu a displicência de não formalizar o subjugado ato de fé que tivera segundos antes e, talvez por causa disso, não tenha percebido uma loba-guará olhando-o como fazem os homens famintos quando fitam as televisões de cachorros. Embora parecesse esquisita, a loba, segundo ele, queria, não se sabe o porquê, olhá-lo de perto. Os religiosos dizem que quando estamos para morrer, um rápido filme passa na nossa cabeça e isso ocorreu com o nosso amigo. As histórias passaram na sua cabeça fazendo uma breve retrospectiva da sua existência.

Sabem onde parou? Numa cena em que sua mãe estava sentada na cama com ele, contando-lhe histórias. Isso mesmo, em frações de segundos estava sua falecida mãe contando-lhe a fábula do chapeuzinho vermelho e ele sentia uma realidade nos fatos, como se estivesse assistindo a um filme tridimensional. A loba queria alguma coisa dele, provavelmente o corpinho e, sendo assim, achou melhor rezar direito. Rezou baixinho, sem choro, sem escândalos, como fazem os ateus, mas rezou!

O outro lado da história retrata a religiosa de parca fé. Lauriceia, o nosso caso de número dois, ou simplesmente Céia, como prefere ser chamada, queria porque queria arrumar um namorado; e rezava intermitentemente sem perceber que, por muitas vezes quando estava rezando, o amor estava à sua frente, mas, por estar entretida, não percebia. Sim, pois é. Foi sozinha de ônibus para a cidade de Aparecida do Norte, afinal de contas o ritual a que se submeteria era segredo seu. Quando chegou à basílica, Céia se jogou aos pés da santa e primeiro ponderou com a divindade se ela era boa ou má pessoa. Ouviu verdades abençoadas e posteriormente barganhou todos os seus defeitos na intenção de um amor verdadeiro. Passou por três vezes na fila de acenar para nossa senhora, acendeu vela, assistiu à missa, foi à sala dos milagres, acertou todos os detalhes

com as instâncias superiores e na saída de tudo, torceu o pé. “Luxou”, disse o moço após diagnosticar o ocorrido.

O rapaz que a socorreu na queda estava na igreja pagando uma promessa e acabou conduzindo-a até a rodoviária! Prestou-lhe os primeiros socorros, mas, na espera pela condução, pararam em um botequim para que ele respeitosamente colocasse gelo no seu pezinho 33. Só sabemos da numeração por um diálogo entre eles que se deu exatamente assim:

— Nossa, que pezinho delicado! Deve ser difícil encontrar sapatinhos para você! Quanto você calça? perguntou ele.

— 33, a idade de Cristo!

— Quer dizer que você tem Cristo a seus pés?

— Nossa, que heresia! respondeu ela.

— Não se trata disso, boneca, é que o meu pezão está precisando de um casamento.

A moça atordoada e ansiosa disse:

— O que te traz aqui?

— Uma loba que queria me comer.

Antes que ele contasse a história, a religiosa fechou a cara, pediu que ele se fosse por conta do seu atrevimento e não entendeu ter saído de tão longe para ter recebido uma luxação e a companhia de um ser atrevido. Desconjurou a viagem perplexa, citando Lucas 11:11, " E qual pai entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente?"

Sem entender que não suportou receber os préstimos da altíssima, a moça saiu batendo o pé luxado e voltou desolada com o infortúnio da sua viagem. As más línguas dizem que ela virou cafetina e deixou a religião. Zaqueu, por sua vez, pagou a promessa, entendeu que Deus escreve certo por linhas tortas, pertence atualmente a um grupo de convertidos e dedica-se a procurar um pezinho 33 para esquentar o seu pezão.

A nossa pesquisa conclui por meio destes casos acima que certo está o filósofo Eustáquio quando diz "o negócio na vida é cada um com seu cada um". Fim de citação.



João Bosco de Camargo Millen: Sou doutor e pós doutor em filosofia/ estética da arte, sou filósofo, psicanalista, escritor e autor das obras, Atlas Mnemosyne, "Imagem loucura e Pensamento" e "Entre a sombra e o Assombrado".

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

COLETÂNEA DE POEMAS

E-BOOK

COLETÂNEA DE POEMAS

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

VOL. IV

saiba mais: [clique aqui](#)

QUEM SABE? NÃO É MESMO? **POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA**

**Por esses claros relâmpagos e barulhos como trovões
Induzindo-nos a imaginar forte tempestade
Do nosso interior, de cada um, o surgir de perdões
Para, do amor, viver uma nova verdade**

**Pelo nosso cabisbaixo (mesmo de frente) olhar
Percebe-se não haver, também, sincera aceitação
Lágrimas sentidas borbulham a escorregar
E, em nós, sem merecer, o maltrato a cada coração**

**Olhe bem! Que dessa imaginada sinceridade
Possamos, de fato, aprender
Para que a afoita saudade
Não nos faça, outra vez, sofrer**

**Que tal agora contemporizar
Talvez desse eventual "barulho" havido
Que pensamos, por nós não será esquecido
Tê-lo como o alerta do "Som do Amor" para a tudo reavaliar e,
então, somente "amar"**

ME PERDOA?

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Pensei

**Ser fácil ao meu interior mudar
Este, ainda, acho eu, indevido sentimento
Dessa eterna paixão**

Chorei

**Da tão difícil tarefa nada conseguir transformar
Neste momento
Sacrificando em dor... meu coração**

**Com tristeza, observo que se mostra a sofrer
Por eu assim continuar a viver
De você, desse amor, inteira dependente**

**Ah! Coração! Por favor! Me perdoa!
A paixão é intensa. Não percebi e ela não surgiu atoa
Quem dera esse meu amor pudesse amar somente**

DANDO GRAÇAS **POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA**

**Cá estou agora
Devagar... bem quietinho
Me encontro sozinho
A aguardar, dando graças, ao retorno do que foi embora**

**Ah! Incontáveis momentos de alegria
Banhado de euforias
Sim! Do antigo viver
Que embora queira, não consigo esquecer**

**Guardo no interior a confiança
Enorme esperança
Pelo que, somente de Deus, pertence o tempo**

**Vamos, pois, continuar a amar, sem desistir
Por todos os obstáculos superar... insistir
E, como antigamente, seguir neste raro exemplo**

ESTOU A DISCORDAR!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Quanta crítica mal dirigida
Nada adianta... continuo como sua querida
Confesso que ainda saudosa
Dos toques (do puro prazer) fazendo-me sentir e provar ser
maravilhosa**

**Discordo! Como esquecer
De você
Daquele seu sereno sorrir
Ao (de propósito) fingir estar brava alegando que iria partir**

**Como esquecer
De você
A forçar escorregando na face aquele beijo já escorregadio**

**Pergunto outra vez
Pelo que sempre me proporcionou e fez
Como olvidar os momentos de carinho em que se mostrou
"danado" e bem "vadio"**

A ORAÇÃO

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Hoje confesso
Não sorria! Por favor!
Com muito carinho lhe peço
Dos múltiplos beijos a contar faça crescer o "calor"

Que os lábios estejam superquentes
E do "massacre", torná-los dormentes
Que pela boca persista a falta de ar
Quanta delícia assim me amar

Decididamente... agora
Para o disputado tempo estou a orar
Que bem-amado seja o passar devagar
Por uma infinita hora para você ir embora



Joaquim Cândido de Gouvêa é Escritor, letrista de várias músicas, economista com vários Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo poemas publicados no Brasil e no Exterior. Destacada participação no projeto da Editora Colibri em Lisboa-Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, iniciando na Edição 6 e, agora, já na Edição 21.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE. E outros dois, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa-Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título: SENTIMENTOS. AMOR. SAUDADE. Outro, um romance, com a Editora ASTROLÁBIO, também do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, com o Título ARDENTE ENCONTRO.

Participação da MESA DE DEBATES em Lisboa - Portugal do Tema ESCREVO POR QUÊ
Menção HONROSA no Livro VII PRÊMIO ESCRITOR MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa de Literatura.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, onde ocupa a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco letras contando coma parceira da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

NOVOS VÍDEOS NO CANAL ⁺

▶ **CONEXÃO
NERD**

INSCREVA-SE

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE



LUZ SOMBRIA

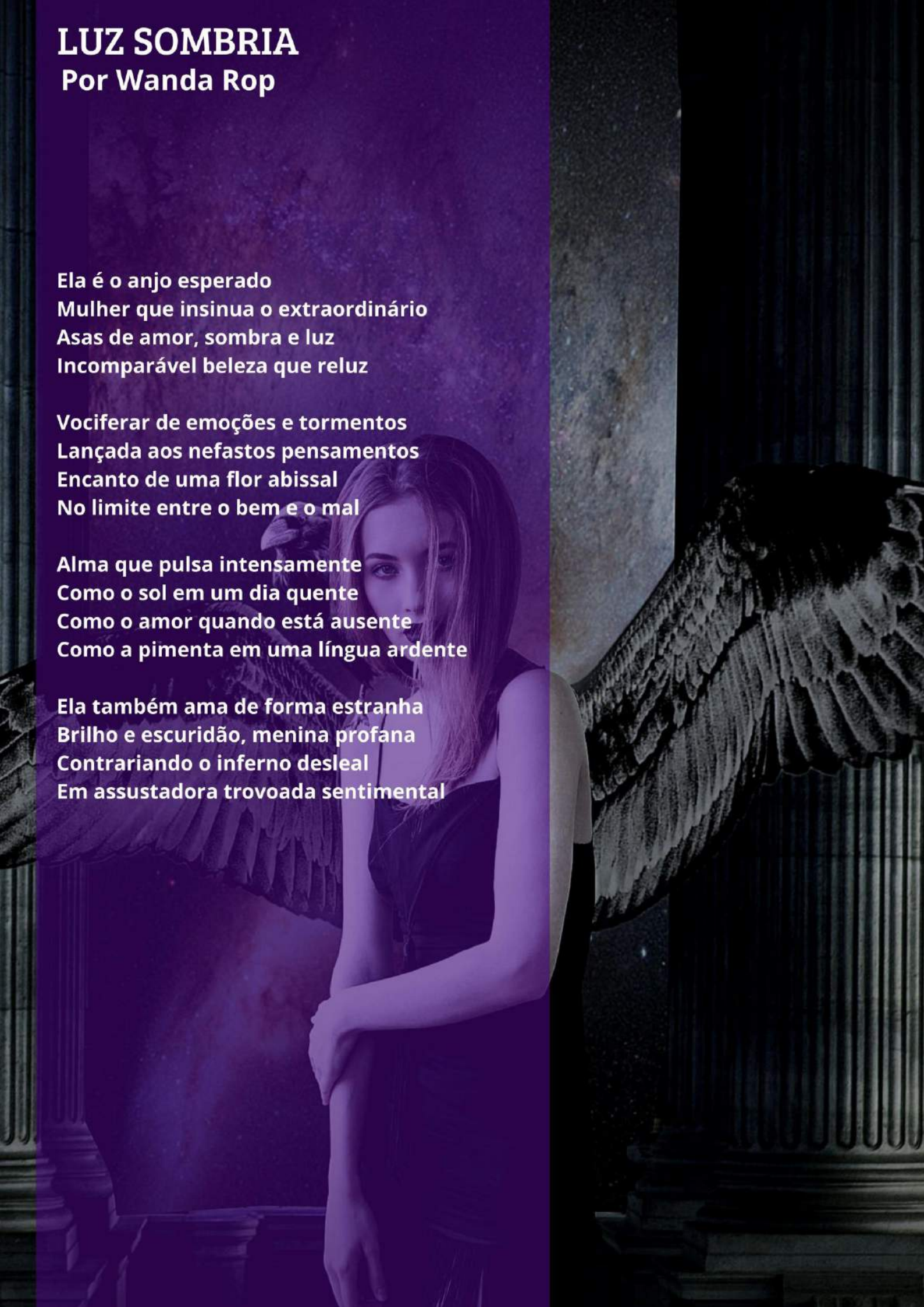
Por Wanda Rop

**Ela é o anjo esperado
Mulher que insinua o extraordinário
Asas de amor, sombra e luz
Incomparável beleza que reluz**

**Vociferar de emoções e tormentos
Lançada aos nefastos pensamentos
Encanto de uma flor abissal
No limite entre o bem e o mal**

**Alma que pulsa intensamente
Como o sol em um dia quente
Como o amor quando está ausente
Como a pimenta em uma língua ardente**

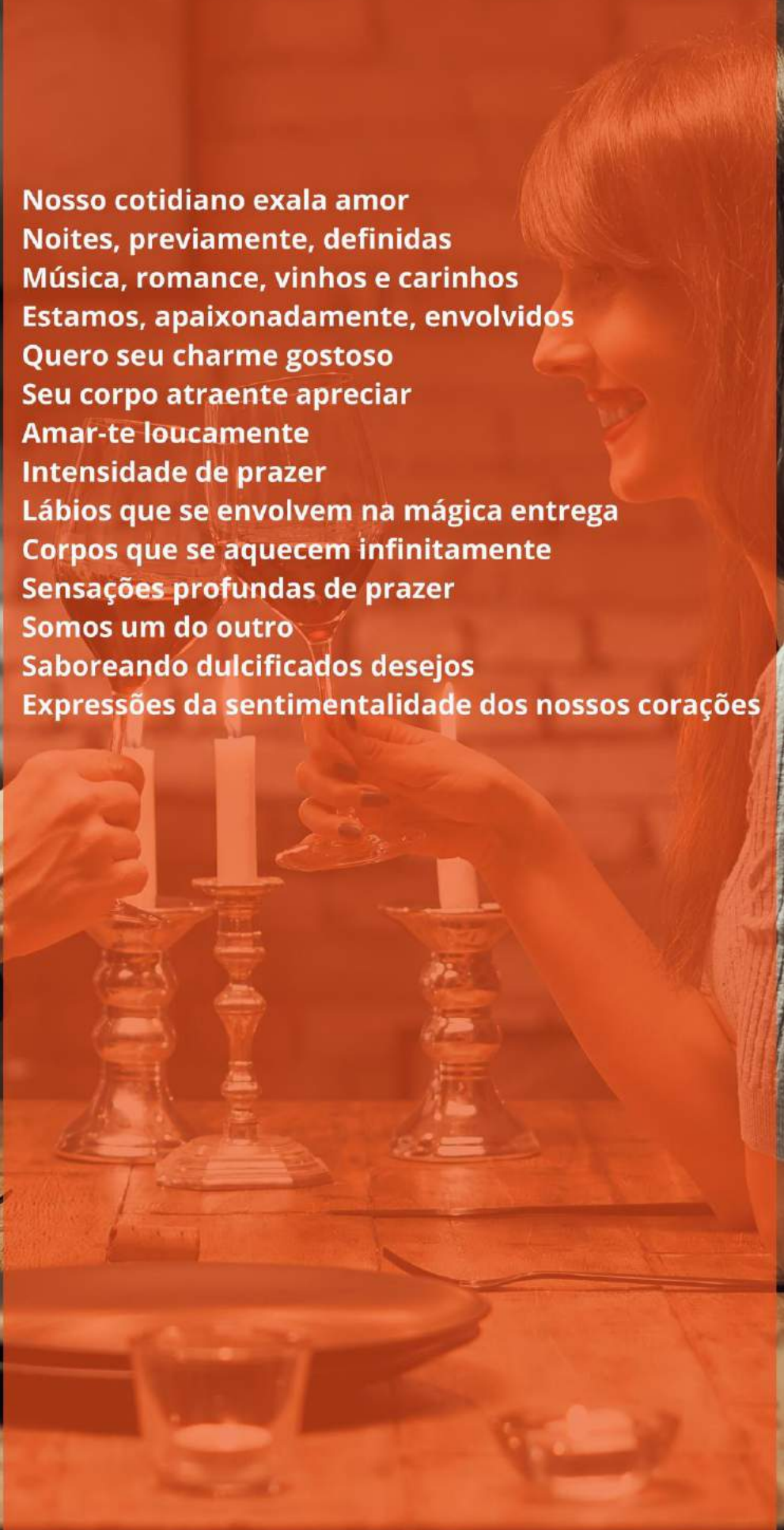
**Ela também ama de forma estranha
Brilho e escuridão, menina profana
Contrariando o inferno desleal
Em assustadora trovoada sentimental**



MÚSICA, ROMANCE, VINHOS E CARINHOS

Por Wanda Rop

Nosso cotidiano exala amor
Noites, previamente, definidas
Música, romance, vinhos e carinhos
Estamos, apaixonadamente, envolvidos
Quero seu charme gostoso
Seu corpo atraente apreciar
Amar-te loucamente
Intensidade de prazer
Lábios que se envolvem na mágica entrega
Corpos que se aquecem infinitamente
Sensações profundas de prazer
Somos um do outro
Saboreando dulcificados desejos
Expressões da sentimentalidade dos nossos corações




INOCÊNCIA

Por Wanda Rop

Sua beleza é semelhante às águas do mar
Expresso meu carinho com muita emoção
Vou derrubando muralhas para te amar
A sanidade foi aniquilada pela paixão

Um sentimento de profundidade
Como a leitura de um belo romance
Sem anseios covardes
Comparo seu olhar a um diamante

A inocência que você semeia
Relembra minha vida inteira
Boas lembranças que se fixam
Sentires que não se explicam

A person with short brown hair, wearing a red hoodie, is seen from the back, looking out over a vast, rugged mountain range under a clear sky. The person is positioned on the right side of the frame, with their back to the camera. The mountains are layered, with some peaks appearing closer and more detailed, while others recede into the distance. The overall scene is serene and contemplative.

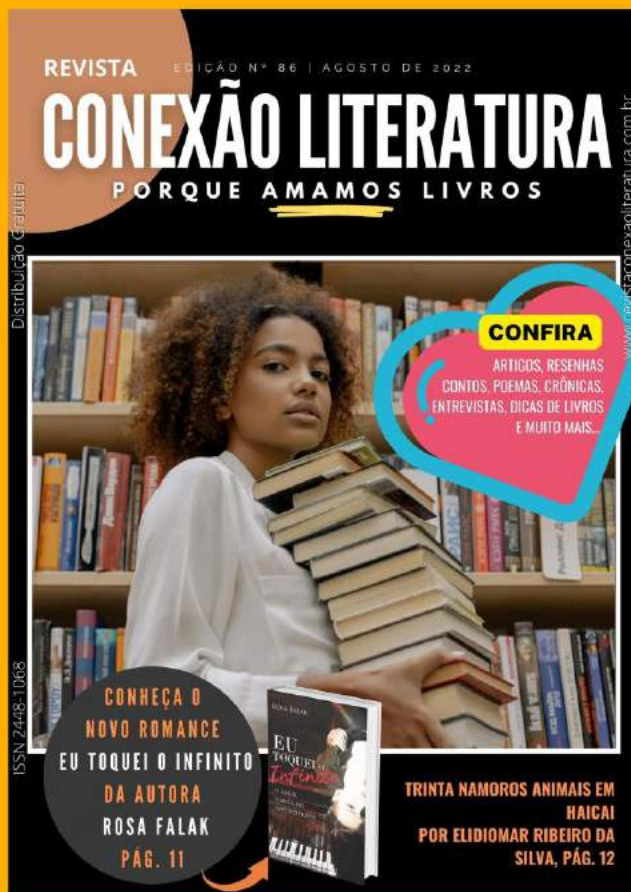
WANDA ROP, paulista, residente em Porto Velho-RO, poetisa, antologista, filósofa, cursando último período de História, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora dos Livros: "Tempo de Amar", "Desejos do Coração", "Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa" e "Minha Infância em Poesia."

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

POR ALVARO DANIEL COSTA

Literatura e animalidade:
alguns apontamentos a
partir de “Teleco, o
coelhinho”



Pensar sobre a relação entre Literatura e Animalidade é, primeiramente, fazer um exame de nós mesmos. Dessa forma, discorrer sobre essa temática é compreender de que modo a alteridade animal pode um espelho de si. Existe uma fronteira? Quais elementos distinguem o mundo humano do animal? O que tem por trás dessa linha imaginária? Para essas indagações podemos voltar a algumas ideias tanto de Platão quanto de Aristóteles. O primeiro diria que o ser humano é como um animal que ri, enquanto o segundo nos ajuda a delinear as três almas que nos definem enquanto seres humanos.

Antes de mais nada, cabe dizer que a alma é o princípio base que nos move. Sobre elas deve-se explicar que a primeira se pauta no que seria a alma vegetativa, isto é, a mais elementar porque é a mais básica, a que nos nutre. Até as plantas precisam necessitar dela, justamente, porque é a mais basilar de todas. Em seguida se tem a alma sensitiva que possui como fundamento e, como o própria terminologia sugere, a sensibilidade. Por fim, vem a mais importante: a alma intelectual. Esta última que dará o dom de racionalidade e moralidade dos sujeitos sendo, portanto, fator essencial para a diferenciação entre nós e os animais. Sobre essa questão moral é imprescindível ponderar um exemplo que nos ajuda a entender a moralidade. Podemos dizer que um tigre não possui esse aparato moral ao se alimentar, pois come carne sem se questionar se isso é saudável ou “correto”.

Talvez seja tão difícil pensar em questões referentes a animalidade, exatamente, porque possuímos uma visão antropocêntrica de mundo e costumamos, erroneamente, coisificar esses seres (Maciel, 2016, p.30). Cai-se então na fronteira paradoxal em que se considera somente o que nos une e o que nos separa desses seres viventes. Será que eles são menos evoluídos que nós? Será que em alguns aspectos não menos evoluídos que eles? Creio que devemos pensar em mais alguns exemplos: No reino animal existe homofobia? Existe processo de escravização entre as espécies? Essas duas indagações podem nos ajudar a arrazoar sobre o fator ético e moral no que tange a animalidade.

Contudo, aceitar-se enquanto um animal pode nos tornar ainda mais humanos e a aproximação pelo campo literário pode ser muito útil para refletir e praticar a alteridade. Um exemplo pode ser obtido quando analisamos o conto “Teleco, o coelhinho” de Murilo Rubião. Notamos nesse texto um elemento de crítica social, pois Teleco possui muitos sentimentos humanos como, por exemplo, o ato de ter simpatia ou não por determinadas pessoas, pois assim como nós, o coelhinho possui suas predileções.

Outra maneira de nos olhar por dentro é pensar no artefato da estranheza de algumas situações, pois não se acha esquisito o coelhinho fumar ou conversar, mas o grande choque está quando ele se transforma em homem e começa a ter atitudes que seriam humanas como a inveja, falta de educação, a vaidade, etc. O narrador aponta esses predicados humanóides quando descreve:

Barbosa tinha hábitos horríveis. Amiúde cuspiam no chão e raramente tomava banho, não obstante a extrema vaidade que o impelia a ficar horas e horas diante do espelho. Utilizava-se do meu aparelho de barbear, da minha escova de dentes e pouco

serviu-lhe comprar-lhe esses objetos, pois continuou a usar os meus e os dele. (Rubião, 2015, p. 4).

A constante metamorfose de Teleco também é algo a se debater porque ele possui muitas faces, ou seja, ao depender da situação pode ser fofo ou repugnante. Fica o questionamento: quantas vezes não nos metamorfoseamos a depender do contexto? Somos sempre a mesma coisa ou temos um pouco de Teleco em nós? O fato é que o conto do coelhinho é uma grande crítica social e mais ainda: um espelho das atitudes humanas. Reside aí a importância filosófica do conto de Murilo Rubião.


Referências:

MACIEL, MARIA ESTHER. **Literatura e Animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 176 p. (Coleção Contemporânea: Filosofia, literatura e artes).

RUBIÃO, Murilo. *Obra Completa*. 8ª reimpressão. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.



Sobre o autor: Doutorando (bolsista CAPES/DS) em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Também estuda Licenciatura em Letras Português/Espanhol e respectivas literaturas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Fez mestrado em História pela UEPG e possui graduação nos cursos de Bacharelado em História e também Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, cursados na mesma instituição.



Quem
lê dá asas
para a
imaginação!

@revistaconexaoliteratura



UTOPIA POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Thomas Morus, ao criar
um “refúgio” da harmonia,
fez mais do que imaginar,
um mundo de alegorias.

Tentou materializar;
dar rosto a uma fantasia...
um local a se alcançar:
o imaginário, a Utopia.

Baseada neste ideário,
segue, então, a humanidade.
A estrada dos visionários

Prevê adversidades.
Seja qual for o cenário,
“sonhar” é necessidade.

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA – Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.



TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com

E NO NIRVANA REINVENTADO, OU NO PANTA RHEI QUE FLUO E SAIO VOU, SOU E PASSO, MAS LÁ, E AINDA ME ACHO

POR MARCELO GOMES JORGE FERES

O meu cotidiano é ser surpreendido pela vida
Gosto de construir paraísos, e o faço muito bem, aqui dentro

Ser poeta é, antes de tudo, sentir muito. Oh! Sinto muito!
Sinto tudo, por tudo. Sim! Sou poeta!

Mas, espera! Não é preciso que, coisas bonitas, se digam?
Ah! Sim! Eu as direi! De um jeito ou de outro

Sonhar nada custa
Mas sonhos se conquistam
Com os esforços das justas medidas

Sempre começamos semeando dores, colhendo perdas e espalhando destroços
Mas terminaremos bordando estrelas, remendando terras e costurando universos

Mas sempre me ocupei, realmente, com a evolução do meu Ser, em mim mesmo
E não apenas com os progressos do meu ser neste mundo afora, apenas

Sabermos que estamos sendo observados, filmados e registrados
Previne ações erradas e conserta veleidades equivocadas
Por isso, o aval do Espírito, em suas ciências exatas
Dado às artes, que se enfeitam com verdades
É poesia excelsa, contendo divinas asas

Mas, não veem que, na eternidade, tudo já ocorreu?

Pois se, *sentio, ergo scio*

E a tua realidade será aquilo que sonhaste

E Apolo será o esgotado Dioniso, apenas cansado

Há uma perspectiva totalitária e monista

Que reúne todos, e tudo que já se imaginou

E essa perspectiva é espírita e espiritualista

E tudo o mais que se imagine, e sempre ainda

Pois, se a verdade contém tudo o que se imagine

E se não pode, então aquela, deixar de conter o possível

E quando ainda tudo que tem, necessariamente, de estar dentro, para ser cosmos possível
ainda

E não o caos que, em entropias, jamais se reequilibraria, a cada tosse do agora, e dos
espirros sentidos

Eis que tal - esta perspectiva - é monista e espírita

E reunirá tudo e todos - e até mesmo os poetas

A questão não é ser ou/e não ser; nunca o foi

A verdadeira questão é quando, então, agora seremos, aqui dentro

Todo este Ser que, sempre, já tudo o fomos, mas que abrimos mão, por outros vãos
paraísos

Mas quero ir ao mais longe que eu puder

Porque, talvez, um dia, eu fique por lá ainda

Que o Ser, se já possuidor das destrezas das artes, e psicologias

Decerto que já terá varado mais de mil vidas alheias

Em buscas de todas as verdadeiras

Sim, revelação é construção
Mas sou eu o Aquiles, ali, de pé, sendo sondado pelo comandante derrotado
- Quem é você, poeta?

E, sim! Criamos as realidades
Com todos os nossos bens e males, em iguais partes
E nos aterrorizamos com separações, nas matérias e nos sentidos carnis
Mas, se superamos tais barreiras, dos elétrons com amplos sentidos, redescobrimos a
antimatéria dos possíveis

Oh! Divino Contínuo!
Imagino as maiores belezas da vida!
E ela então, e melhor ainda, me inspira e me imagina!

A vida é apenas um milagre ininterrupto jamais interrompido
E, olhos de ver e ouvidos de ouvir, já são elos das primeiras letras

E, por não termos acessos às realidades alheias
Porém conhecendo muito bem as nossas
É que sabemos dos puros respeitos
E das alteridades precisas
Remendando-nos
Como se ilhas

E a poesia é o meu reequilíbrio
Pois só ela vai aos infindos precisos

E quanto mais fundo e profundo
Mais preciso das alturas me resgatando

Sim, padeço de destemperos e precipícios
E necessito, pois, das urgências que me refazem sempre

Etéreo e abstrato, dissolvo-me e parto
Como no Nirvana reinventado

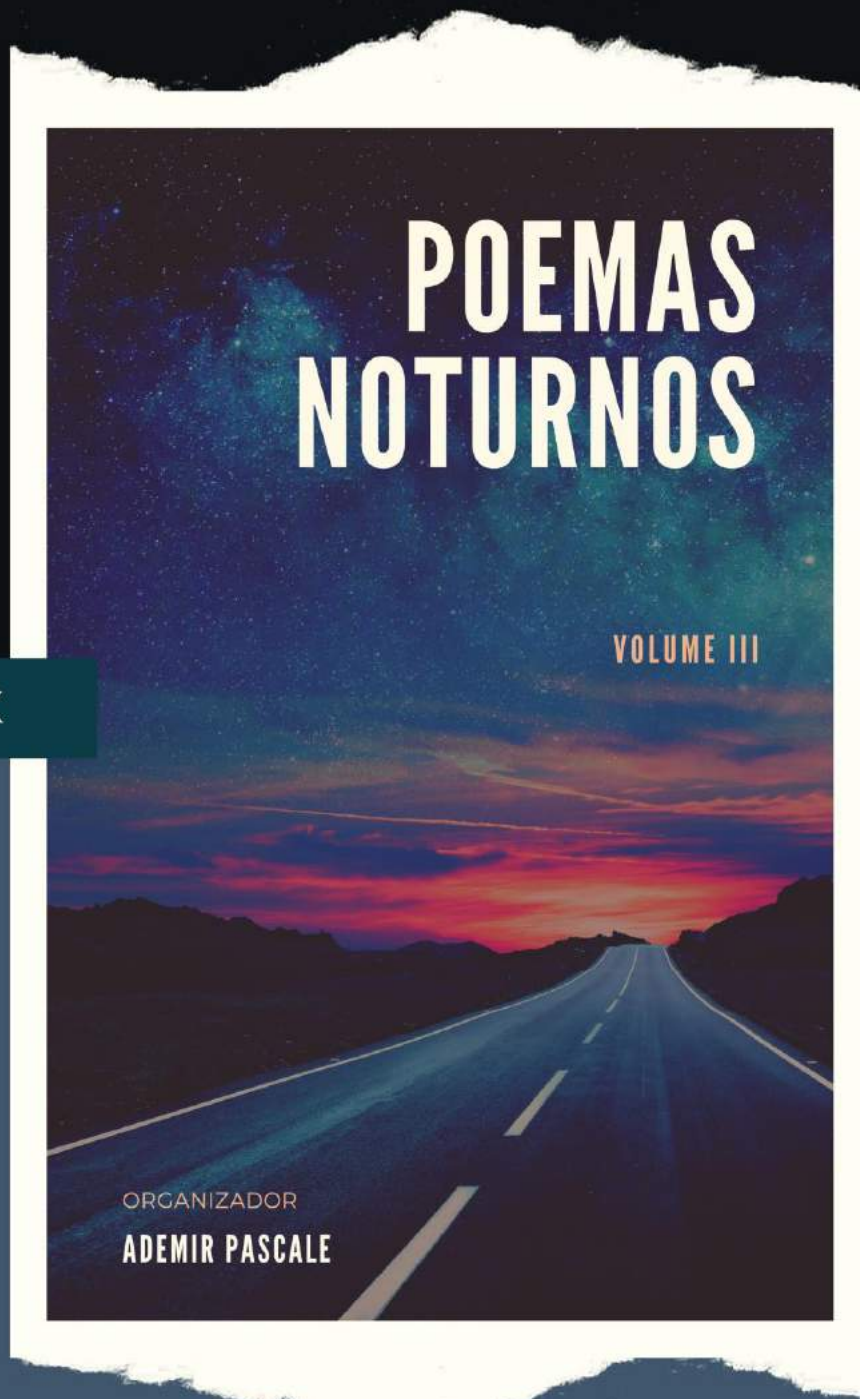
Ou no *Panta Rhei* que fluo e saio
Desse tudo que sou eu, entretanto, alheio

Mas vou, sou e passo
Mas lá, e ainda me acho

Marcelo Gomes Jorge Feres nasceu em 6/7/1957, na cidade de Niterói (RJ). Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; licenciado em História na UNICESUMAR, Maringá (PR), em 2019; estudante de Filosofia; publicou 20 livros de conteúdo poético-filosófico e, desde 1987, participa de várias antologias.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS NOTURNOS



E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

Por Mónica Palacios

O vento e as esquinas



É difícil acreditar, mas, posso lhes assegurar: vários gurus de terras distantes e até de alguns sítios se debruçaram para descobrir esse fenômeno.

Que o som traz mensagem que penetra no espaço ou leva respostas a outros destinos, isso já descobriram e confirmaram.

Agora seus estudos tratam sobre o vento. Começaram argumentando que se intromete por galhos, casa, jardins, se esconde nas esquinas, espia, e até sorri ao nos ver confusos, inclusive, parece que se esconde nos tetos. Sim... comecei a me preocupar porque também escutei que as paredes têm ouvidos. Ichi... quanta coisa difícil de entender, explicar e... acreditar.

Sabiam que eles confirmaram que os instrumentos de vento têm um filtro celestial que só permite emitir o som do vento com boas mensagens? Que as pipas conseguem voar quando alguém, quase a maior autoridade do instituto vento o permite, e cada giro é comandado por um vento jovem, acrobático?

Pensar que nós, inocentes, achávamos que era destreza dos moleques levantar as pipas até o céu...

Nem imaginam... a lista de afirmações é muito extensa. Compartilharei as mais cabeludas e as novas.

As línguas entraram na pesquisa e além das consoantes e vogais o vento intercalado entre as palavras. É quem atesoura o charme ou a força das expressões. Observem a importância desse vento entre as sílabas. Um *bom Jour* cadencioso precisa do vento assim como, em contrapartida, o duro *Fogo* parece soar até leve com menos vento.

Os cabelos têm segredos muito cabeludos. O vento obedece aos comandos dos neurônios, únicas autoridades a quem ele se submete. Por isso, temos coques, tranças, carecas, cabelos arrepiados, lambidos... todos refletem mais ou menos fantasia, imaginação e até criatividade.

Preciso parar, o vento está me confundindo... não entendi a sua última instrução . Virei a esquina e não respeitei o seu ritmo. Até o meu cabelo murchou.

Desculpem

Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: *Cartas de Manú e Aventuras de Filipo* (Livrus) e *Medos? Nunca Mais!*, pela Soul Editora.

ENTREVISTA

COM EDILSON GOMES DE LIMA

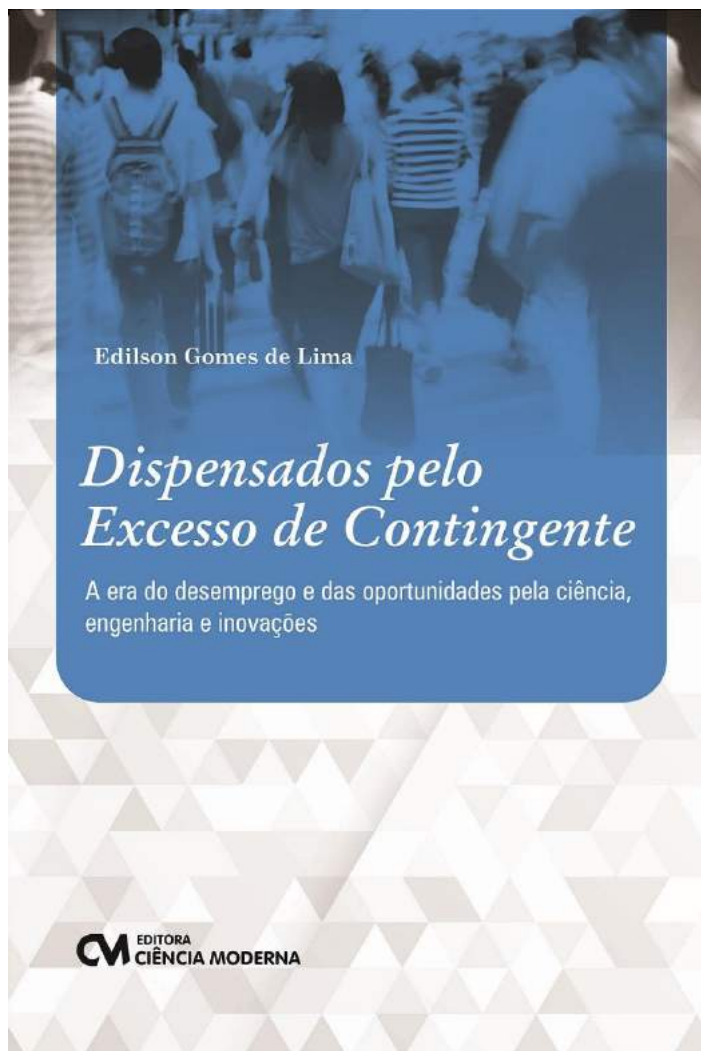


Edilson Gomes de Lima

Edilson Gomes de Lima é engenheiro e autor de livros, inventor e designer industrial, pesquisador acadêmico com alguns trabalhos publicados pelo mundo. Academicamente realiza constantes investigações para geração de métodos, processos, máquinas, produtos, inovações e invenções. Especializado em projetos complexos de nanotecnologia, produtos, máquinas, inovação industrial, conduz academicamente pesquisas científicas com foco em nanociências e engenharia especializada. Como escritor busca expor pensamentos, técnicas, e novos conceitos academicamente.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?



Edilson Gomes de Lima: involuntariamente, se iniciou pela minha curiosidade nata de entender como as coisas funcionam, adicionado ao gosto pelo meio literário, avidamente tendo lido obras como Euclides da Cunha, Paulo Coelho, Annie Ernaux, Franz Kafka, Machado de Assis, assim como livros técnicos de engenharia diversos, tudo unido a curiosidade técnica sobre as coisas. Essa miríade de temas acabou gerando meu primeiro livro não publicado, fiz para minha própria consulta, era um livreto sobre motores veiculares de combustão de alto desempenho. A partir deste trabalho, com o foco mais acadêmico, dei início a escrita de outros trabalhos, a maioria ainda não publicado por acreditar que ainda falta aperfeiçoar, além do tempo necessário.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Dispensados pelo Excesso de Contingente - A era do desemprego e das oportunidades pela ciência, engenharia e inovações". Poderia comentar?

Edilson Gomes de Lima: A obra é um trabalho complexo que precisou de um cronograma lógico, o livro foca no tema da diversificação econômica com atenção nas cidades, apresentando de forma densa e detalhando a diversidade econômica com o intuito de provar a tese de que independente de uma densa diversidade de negócios não industriais, a economia permanece estagnada. Portanto, a obra traz o alerta de que só essa variável não é suficiente para uma economia plena. Embora complexa, a obra ilumina a realidade que sem indústrias a economia não cresce, mesmo com ampla diversidade econômica. Também é incluso na obra diversas opções possíveis e um toque sutil literário.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Edilson Gomes de Lima: Foram aproximadamente dois anos de pesquisa sobre os temas, e um longo tempo para escrever e organizar logicamente toda a obra, incluindo a revisão e alterações para a simplificação, porque não quis optar por escrever uma obra demasiadamente técnica, e sim uma obra literária, porém, técnica e que todos possam ler, aprender, compreender e refletir. Essa pergunta recorda um detalhe que é bem curioso, daqueles que só aprendemos quando nos profissionalizamos no trabalho, aqueles detalhes que fazem a diferença. Antes mesmo de começar a escrever o livro foi feito um mapa de objetivos, entrelaçamentos de temas, assuntos e ideias resultando em um cronograma detalhado, aqueles estudos que o autor usa como guia na escuridão, e que acaba por organizar as ideias em uma obra com lógica e estruturada, popularmente dito como algo com início, meio e fim, conferindo mais qualidade para o livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Edilson Gomes de Lima: Como a obra aborda a diversificação econômica, de fato, teve que abordar temas diversos e negócios dos mais variados ramos, da floresta a negócios complexos nas cidades, o que pode aparentar ser uma confusão, mas foi estratégico com o intuito de refletir o mais fiel como a economia opera. E diante da diversidade econômica, há um trecho do livro que indiretamente começa a ensinar como uma economia diversificada opera. Refletindo essa complexidade para que o leitor compreenda que a economia não pode focar apenas no cimento, porque este logo seca e o emprego se esvai rapidamente, no global, a obra expõem que sem a indústria de manufatura, transformação e a pesquisa, a diversificação econômica se torna um esforço em vão.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Edilson Gomes de Lima: o leitor interessado poderá adquirir a obra nas melhores livrarias da praça e nas excelentes lojas que operam no ramo literário. Inclusive, o leitor poderá obter mais informação sobre o autor em seus blogs e trabalhos acadêmicos difundidos pela internet, revistas e publicações.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Edilson Gomes de Lima: Certamente que sim, em pesquisa e produção, boa parte está no filtro de qualidade da revisão, e uma obra sendo escrita para uma editora norte americana que estará pronta em pouco mais de dois anos, por ser densa e demasiadamente técnica. Em alguns pontos ultrapassa-se os limites da qualificação do

autor, ao qual se torna necessário paradas no percurso, para mais estudos e isso consome mais tempo, mas em breve haverá novos trabalhos.

Perguntas rápidas:

Um livro: o pequeno príncipe

Um (a) autor (a): Paulo Coelho

Um ator ou atriz: Sandra Annenberg

Um filme: cloud atlas de 2012

Um dia especial: o Dia da Árvore

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Edilson Gomes de Lima: *nunca se esqueçam que o futuro não existe, somos nós que temos todo o poder de o criar, mesmo com os eventos e imprevisibilidades, se queremos algo melhor é nós que devemos fazer o futuro dessa forma.*



ENTREVISTA COM EDUARDO MACIEL



Eduardo Maciel

Eduardo Maciel é gestor cultural, curador e um artista plural. Cantor, compositor, intérprete de samba-enredo, apresentador do GRESE Império da Tijuca (o primeiro império do samba), artista de circo, fotógrafo, diretor de fotografia, dramaturgo, diretor, roteirista e produtor (teatro e audiovisual). Contista na prosa e, na poesia, sonetista. Está em curso com o projeto de lançamento de sete livros promovendo o resgate cultural das 20 diversas formas de soneto já catalogadas. Isso está sendo feito através da interlocução entre sonetos e outras linguagens da arte. Já foram lançados:

- SonetATO
- SonetIMAGEM
- SonetILUSTRA
- SonetERROR
- SonetEDU

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Eduardo Maciel: Meu início com a poesia foi antes mesmo de aprender a escrever. Sempre fui doido por rimas. Quando comecei a dominar a língua, já produzia meus poemas pueris. Bons tempos... Mas o momento em que decidi profissionalizar minha servidão às artes, dentre as quais a literatura, foi em 2017. Ano do meu renascimento.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Sonet Edu". Poderia comentar?

Eduardo Maciel: SonetEDU é o meu último lançamento, quinto livro (de um total de sete) da minha série literária de sonetos, onde cada livro propõe uma experiência diferente para além da leitura. Nesse volume, que é o mais intimista, busco conectar quem eu sou por dentro com os leitores, e para isso cada soneto vem acompanhado de um áudio da minha voz recitando, como uma conversa de pé de ouvido. No início do livro há também um mapa, com os caminhos a serem percorridos até a minha intimidade. Uma imagem às vezes pode ser mais eloquente do que palavras. E esse é o livro da capa violeta. Estou seguindo a paleta do arco-íris: cada capa, uma cor diferente. Contando com esse, agora só faltam duas cores a percorrer

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Eduardo Maciel: Me organizo para preparar cada volume num processo criativo que dura de seis a oito meses. Mas as minhas pesquisas sobre a origem dos sonetos no século XIII e a identificação dos 19 tipos existentes antes do início da minha produção, essa durou quase dois anos. No terceiro livro eu introduzi um tipo de soneto que criei com sonoridade parecida com a da bossa nova, chamado "soneto carioca". Cada tipo diferente carrega consigo especificidades de métrica e rima, que basicamente definem o soneto.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Eduardo Maciel: Seria pedir pra um pai escolher um dentre seus filhos. Não consigo escolher um. Vocês entendem, né?

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Eduardo Maciel: Para comprar qualquer um dos meus livros prefiro que entrem em contato diretamente comigo através de mensagem privada no Instagram

@eduardomacielartes. E para saber tudo sobre o que faço na arte, convido para acessar o meu site: www.eduardomacielartes.com.br

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Eduardo Maciel: Sempre tenho projetos novos, não consigo evitar. Em breve será lançado um curta-metragem que estou dirigindo de teatro de cordel, e esse lançamento complementa o ciclo editorial do SonetEDU. Porque se por um lado o livro revela o meu interior, o filme, feito no formato teatral, revela a minha biografia cronológica, escrita num cordel pelo grande Mestre Zé Salvador. Esse cordel foi quarto lugar num concurso nacional de cordel realizado em Fortaleza, Ceará. Adoro poder potencializar os livros em outras produções, com outras linguagens.

Perguntas rápidas:

Um livro: "Eu e Outros Poemas"

Um (a) autor (a): Augusto dos Anjos

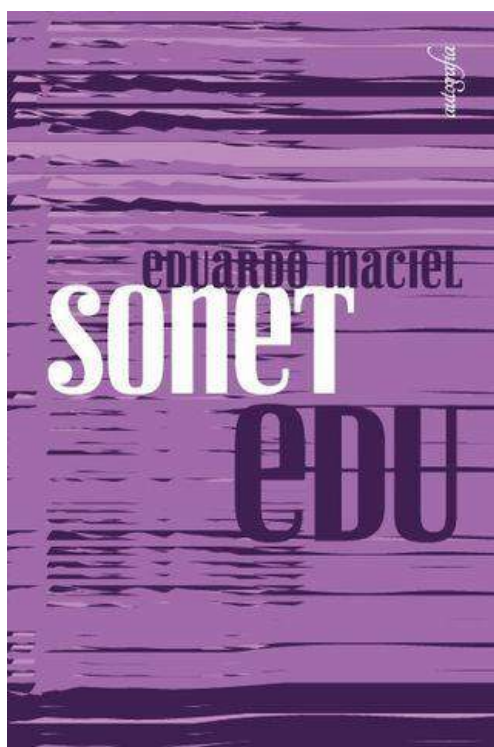
Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Bridegroom

Um dia especial: O dia mais especial foi quando fui premiado como melhor intérprete de samba-enredo

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Eduardo Maciel: Meu comentário final é na verdade um conselho: jamais permita que ninguém, nem mesmo você, diga que você não é capaz de alcançar os seus sonhos. Na totalidade das vezes isso não seria verdade.



Leia acompanhado de
uma boa xícara com
café.



@revistaconexaoliteratura



ENTREVISTA COM HANNA SILVA



Hanna Silva

Paulista da cidade de Sertãozinho, mãe de dois jovens professores, uma licenciada em Artes Visuais e outro licenciado em Música.

Formada em História trabalhou com crianças e adolescentes. Gosta muito de teatro já tendo atuado com grupos amadores.

Curte a vida, a natureza, a literatura, assistir filmes e séries, ouvir música, fazer crochê e tricô, viajar e tantas outras coisas, mas principalmente curte conviver com a Amora, a cachorrinha mais linda e fofa do mundo todo, segundo a opinião dela.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Hanna Silva: Sempre gostei muito de ler e também de escrever. Inspirada por livros, filmes, acontecimentos a minha volta e pela minha própria experiência de vida tenho alguns rascunhos de romances, poesias, mas nunca pensei em publicar.

Na verdade nunca tinha escrito nada no gênero dramaturgia, me encantei com o resultado e recebi grande apoio familiar. Fui muito estimulada pelo meu esposo e filhos.

Sendo assim esse é o meu primeiro livro publicado, estou estreando agora no meio literário.



Hanna Silva – Foto divulgação

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Uma canção para você". Poderia comentar?

Hanna Silva: Sim, o livro “Uma canção para você” é meu. Em 2013 uma amiga pediu que eu escrevesse uma pecinha de teatro com poucos diálogos, segundo ela a estória deveria ser sobre uma bailarina saindo de uma caixinha e seria usada para uma apresentação aos portadores de câncer de Caraguatatuba, lugar em que na época eu morava.

O tema logo me empolgou, não só porque tinha uma finalidade muito linda, mas também porque amo todo esse universo do balé, é tudo muito belo e encantador.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Hanna Silva: A mensagem da estória que eu criei é a união de todos para salvar uma vida, fala muito de fraternidade, solidariedade, amor, enfim fala dos valores essenciais como a única saída para nos ajudarmos e tornarmos o mundo melhor.

Também acabei tocando na questão da nostalgia, da saudade que em minha opinião também é outra forma de falar do amor daquele amor que nos prende aos nossos afetos e assim sofremos e até adoecemos, pois que na dinâmica da vida tudo passa tudo se transforma.

O melhor é que eu poderia falar de algo tão essencial, bonito e verdadeiro que é o amor e tudo o que ele envolve me utilizando do universo do balé e também do universo mágico do mundo infantil, esse mundo do faz de conta onde tudo é possível.

Sim, isso porque na minha cabeça a bailarina saindo de uma caixinha, só podia ser caixinha de música e ela só poderia ser uma bonequinha, daí veio à inspiração de que tudo ocorreria entre brinquedos.

Tinha unido tantos elementos que eu amo e acredito, foi um prato cheio para mim e logo consegui escrever a pequena peça. Confesso que essa pequena peça era mais curta que o livro atual, mas já era o começo. Gostei tanto que tive a ideia de pedir para minha filha Mariana (Marii.Guiima, a ilustradora deste livro) que desenha muito bem desenhar os personagens que eu criei.

Ela desenhou e a partir dos desenhos dela eu voltei a me inspirar e aumentei o número de capítulos, visualizei melhor os personagens dando a eles falas maiores e com mais

conteúdo. Meu marido Ricardo me ajudou na diagramação do livro além de muitas outras questões a serem resolvidas.

Encontrei a Uiclap, uma excelente editora e tudo se encaixou perfeitamente para concluir os meus objetivos. Todo esse processo levou tempo e assim só publiquei o meu livro em 2021. Sim oito anos depois, nasceu o meu “filho torto”, o meu livro.



Hanna Silva – Foto divulgação

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Hanna Silva: Gosto de muitas partes do livro, acho que do livro todo para ser sincera, mas como só pode ser uma parte eu escolho essa que considero bem charmosa:

Clarinha — Sim pode dizer, pois é verdade. — responde ela sem modéstia nenhuma — Cheguei aqui em uma linda caixa embrulhada com papel celofane branco com fita de veludo vermelha, laçarote e tudo. — fala ela como se tivesse voltado no tempo — Usava

um lindíssimo vestidinho xadrez, estilo jardineira com a saia plissada e rodada, meiazinhas três quarto brancas e bordadas, sapatinhos com fivela, carregava uma bolsinha com pente, espelho e até “bobes” e o meu penteado era Maria - Chiquinha com fitas de seda rosa que combinavam com a blusinha também de seda rosa com manguinhas bufantes. — descreve risonha e contente.

Tato — Puxa! — exclama Tato realmente admirado — Linda como uma boneca, “A Senhora Boneca”. — conclui ele com ênfase.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Hanna Silva:

Para a compra do livro você pode acessar:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua10157/>

Para a versão e-book esta disponível na Amazon pelo link:

https://www.amazon.com.br/CAN%C3%87%C3%83O-PARA-AUGUSTA-HELENA-B-G-V-SILVA-ebook/dp/B0BBXGM7G8/ref=sr_1_3?__mk_pt_BR

E vocês podem me conhecer (Hannah Silva, a autora do livro) um pouco mais a partir das minhas redes sociais:

Instagram: <https://www.instagram.com/guta.hannahsilva/?hl=pt-br>

Facebook: <https://www.facebook.com/profile.php?id=10003503696170>

Também podem conhecer melhor a ilustradora desse livro minha filha Mariana através das redes sociais dela, Instagram: <https://www.behance.net/mariiguiima>

Encontram comentários sobre o livro “Uma canção para você” nas redes sociais das influencers literárias:

Cem livros: <https://www.instagram.com/p/Ca2ywdgAkDd/>

Star Pink: <https://www.instagram.com/p/Cc5FA6-uLN8/>

Acvasconcelosm: <https://www.instagram.com/p/CjHIPJmDIWE/>

O meu livro também já foi escolhido para participar do concurso 1º - Prêmio Candango de Literatura, na categoria capa.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Hanna Silva: Sim. Estou seriamente pensando em escrever um livro sobre a minha Amora. Ela é uma cachorrinha muito amorosa, inteligente, esperta, linda, fofa, terna, doce, sapeca e espoleta e através dela eu posso abordar o tema animais, natureza que é muito rico e sempre muito importante de ser lembrado.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Soldadinho de Chumbo

Um autor ou autora: Hans Christian Andersen

Um filme: Nanny MacPhee – A Babá Encantada

Um ator ou atriz: Emma Thompson

Um momento: Nascimento dos meus filhos

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Hanna Silva: Sou muito grata a Deus que me permitiu escrever esse livro, também agradeço todos que de uma forma ou de outra colaboraram e junto comigo realizaram um sonho.

É um livro simples, mas eu o adoro por tudo que ele representa para mim. Já tive meus filhos, já plantei árvores e agora escrevi um livro, como diz o dito popular eu passei pela vida e vivi.

Com certeza a literatura é importantíssima, pois que através dela almas são tocadas, consciências são transformadas e o nosso mundo pode ser melhorado. Vamos ser sinceros não só a literatura, mas todas as modalidades artísticas tem essa missão muito nobre e muito bela. No meu entender precisamos de mais ternura, generosidade e alegria nesse mundo, nessa vida.



ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA

*Era uma vez
um outono*



Roberto Schima

A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

PARA SABER MAIS
CLUBE DE AUTORES - UICLAP
AMAZON

ENTREVISTA COM KIKO FERREIRA



Kiko Ferreira

O mineiro Kiko Ferreira é poeta, jornalista, radialista e letrista. Está comemorando quatro décadas com a antologia Tempo Diverso (1982-2022) (editora Scriptum/www.livrariascriptum.com.br). O volume traz o obra inédita Pós-Calypso, mas como o próprio nome indica reúne vários livros lançados por Kiko nesses 40 anos como, por exemplo, Cordiana (1982), Beijo Noir (1996), e Manual de Berros (2020).

Tempo Diverso mostra a poesia de Kiko, que, como diz o também poeta e acadêmico mineiro Anelito de Oliveira traz "musicalidade própria, mesclando lirismo e bom humor, erotismo e uma visão de mundo otimista e crítica. Um trabalho atemporal que vale como retrato de um tempo de muitas mudanças, humanas e tecnológicas, que ele registra com uma linguagem elaborada e fluente".

O inédito Pós-Calypso tem poemas criados durante os anos de 2020/22 e, como pano de fundo a pandemia. Surgiu a partir do poema Pós-Calypso, que foi premiado no edital Arte como Respiro, do Instituto Itaú Cultural (São Paulo), e tem versos assim: "como nada sabia ao certo/ pulei xadrez/ dancei squash/ lutei vôlei de praia/ fiz buquê de brotos de samambaia /fiz macumba pro Vaticano/ na última hora hora/ do último dia do ano".

Kiko Ferreira é atuante na área cultural de Belo Horizonte desde os anos 1970. Tem trajetória extensa na comunicação, com atuações no jornal Estado de Minas e nas rádios Inconfidência e Geraes, por exemplo, além da TV Horizonte. Nascido em Belo Horizonte, foi criado no interior, em Ipatinga, no Vale do Aço. Começou escrevendo poemas em pequenas edições em xerox, que distribuía entre amigos e clientes da loja Gramophone, em BH, onde trabalhava. Tem poemas musicados por compositores como Gilvan de Oliveira, Affonsinho, Ronaldo Gino, Danny Calixto e Zeca Baleiro.

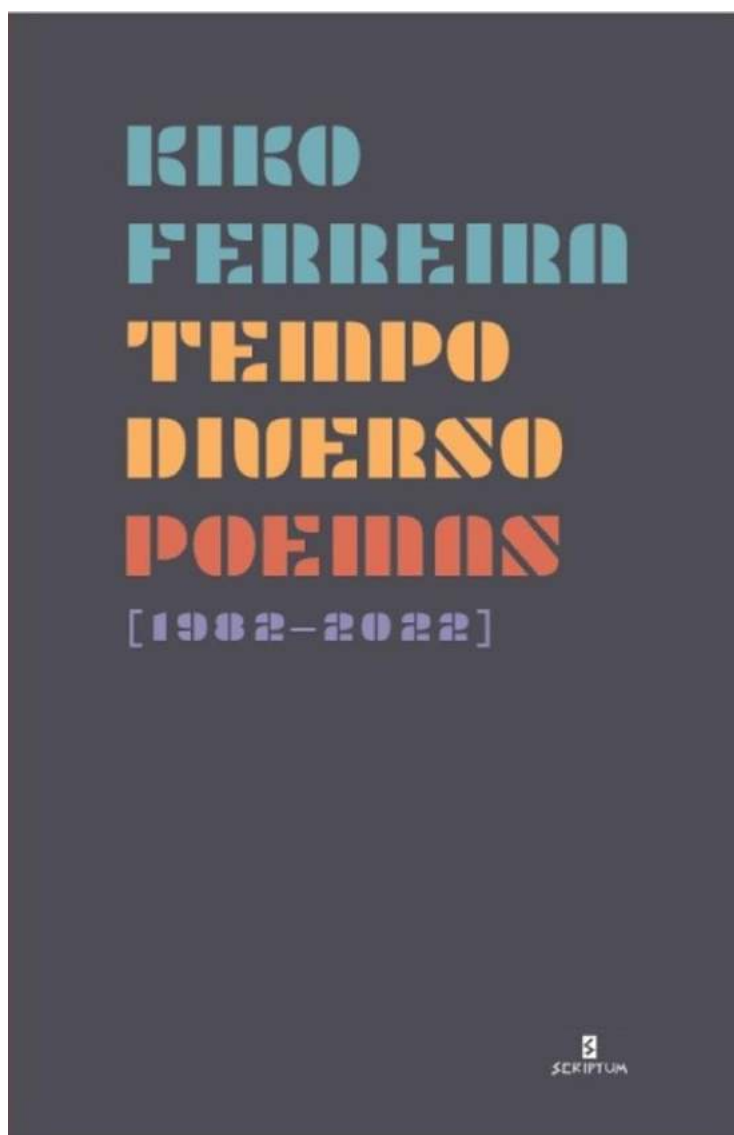
Entrevista

Conexão Literatura - Como você definiria sua poesia? Ela segue algum 'eixo' dentro dos vários ramos da poesia?

Kiko Ferreira - Minha poesia tem alma de música e busca ângulos, cores e movimentos diversos pra (re)ler idéias, fatos e personagens. Não me sinto membro de nenhum movimento ou grupo literário. Sou parte da cena contemporânea de Belo Horizonte e estou em constante diálogo com a cidade e seus horizontes.

Conexão Literatura - Como é lançar *Tempo Diverso (1982-2022)*, que cobre sua trajetória como poeta? Que saldo você faz dessa caminhada?

KF - *Tempo Diverso* reúne dez livros e quarenta anos de literatura, e serve como um álbum de fotografias que procuram ângulos inéditos e visão pessoal do real e do imaginário, do que tenho visto, narrado e imaginado.



Conexão Literatura - Até que ponto o jornalismo tem a ver com a poesia? Ou são coisas independentes? No caso, usando de sua experiência, como foi ir praticando as duas até aqui?

KF - O jornalismo cultural me permitiu diálogos constantes e múltiplos que sempre influenciaram meus modos de ver e pensar.

Conexão Literatura - Ao mesmo tempo que *Tempo Diverso* reúne toda sua obra, também apresenta o inédito *Pós-Calypso*? O que te inspirou a chegar no nesse trabalho?

KF - O livro *Pós-Calypso* começou com o poema, de mesmo nome, que fiz para um concurso do Instituto Itaú Cultural, de São Paulo, para poemas escritos durante a pandemia. Enquanto o livro *Manual de Berros*, de 2020, refletia minha inquietação diária com a polarização política que

se deu de 2017 pra cá, no Brasil, o *Pós-Calypso* mostra idéias e formas de lidar com a quarentena e seus desafios à sanidade.

Conexão Literatura - Você também tem atuação na música, com parcerias com Gilvan de Oliveira, Danny Calixto e Zeca Baleiro, por exemplo. Qual é a diferença entre fazer um poema e uma letra? E qual o barato de ouvir um poema musicado?

KF - Minhas letras são poemas musicados. Cada pessoa quando lê um poema encontra sua própria melodia a cada leitura. É o que acontece com meus parceiros. E é sempre um prazer ouvir as melodias que eles criam. Falando da música popular, nem toda letra se sustenta como poema, mas a música é uma forma bem sucedida que o público tem para ter contato com a poesia.

Conexão Literatura - Você indica novos nomes ou movimentos da poesia nacional hoje?

KF - Me surpreende a quantidade de novos autores que surgem o tempo todo. E se a internet multiplicou por mil o número de obras e autores, também permitiu publicações equivocadas ou imaturas. Mas o saldo é positivo. Com bons exemplos de novos, cito Maurício Guilherme e Rafael Belúzio, indicados pelo poeta e editor Mário Alex Rosa, sempre antenado.

Conexão Literatura - Quem foram (e são) suas influências em termos de poesia no Brasil e no mundo?

KF - Foram e são muitas, principalmente os autores dos anos 1970 e 1980. Paulo Leminski, Leonard Cohen, Antônio Barreto, Hilda Hilst, Charles Bukowski, Mário Quintana, Marcelo Dolabela, Ricardo Aleixo e muitos outros.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

KF - O próximo projeto é um álbum musical com pelo menos 15 poemas musicados por parceiros como Sérgio Moreira, Affonsinho, Chico de Paula, Túlio Rangel e Zeca Baleiro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

KF - Gosto de usar em meus projetos um verso de Gilberto Gil: “o povo sabe o que quer. Mas também quer o que não sabe.” Sempre apostei e aposto na sensibilidade de leitores, ouvintes, telespectadores e platéias.

Perguntas rápidas:

Um livro: *Caprichos e Relaxos* (lançado em 1983) do Paulo Leminski (1934/1989)

Um autor: Leonard Cohen (1934/2016)

Ator ou atriz? Fernanda Montenegro

Filme: *Solaris*, filme soviético de drama e ficção científica, dirigido por Andrei Tarkovski, em 1972.

Um dia especial - A entrevista coletiva da cantora Nina Simone (1933/2003), no Free Jazz Festival, no Rio de Janeiro, em 1988. Quando ela entrou na sala todos os jornalistas se levantaram e aplaudiram de pé. Antes de qualquer palavra.



Ler acompanhado
é bom demais!



ENTREVISTA COM ROBERTO MARCIO



Roberto Marcio

Roberto Marcio é mineiro de Nova Lima, residente em Belo Horizonte. Além de escritor, é professor de inglês e tradutor. Graduado em Letras, mestre em Educação Tecnológica, e membro da Academia Nova-Limense de Letras. Em 2020, publicou "Andante das Gerais" (relatos de viagem), seguido por "Janelas visitadas" (contos e crônicas) em 2021, e uma tradução de "A revolução dos bichos", no mesmo ano. Está lançando em 2022 o romance "Deixe a música contar", pela Editora 7 Autores – um elo entre a literatura e a música.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?



Roberto Marcio: Sempre fui um profissional da área de Letras, desde 1984: professor de inglês, tradutor, revisor. Mas nunca imaginava que um dia seria escritor até que, com a pandemia em 2020, surgiu de forma inusitada a oportunidade. Ficando sem fazer nada durante a quarentena, um dia resolvi começar a colocar no papel casos ocorridos nas minhas viagens, e cada vez fui lembrando de mais histórias, que acabaram virando meu primeiro livro, “Andante das Gerais” – relatos e crônicas de viagens no Brasil e pelo mundo. Na época. Procurei uma editora como escritor independente. Gostei da experiência inusitada de publicar um livro, e continuei a escrever. A partir de ideias diversas, surgiu no ano seguinte “Janelas visitadas”, uma coletânea de contos e crônicas, publicada pela editora Sete Autores. Em 2021 também surgiu a oportunidade de traduzir do inglês um grande clássico, “A revolução dos bichos”, de George

Orwell, numa nova edição da editora Dialética. No mesmo ano, fui convidado para fazer parte da Academia de Letras da cidade onde nasci, Nova Lima (na região metropolitana de Belo Horizonte), ocupando a cadeira de número 32.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Deixe a música contar". Poderia comentar?

Roberto Marcio: Como professor de inglês, queria criar uma história na qual pudesse inserir, de alguma forma, a língua inglesa no texto do romance. A música sempre marcou épocas da minha vida. Sempre associo determinadas músicas a contextos específicos,

tanto momentos pessoais quanto eventos relevantes em geral. Daí surgiu a ideia de criar uma história com minha trilha sonora pessoal – canções ícones da época da minha juventude na década de 1980. A obra é ficcional, e tem elementos do gênero *diário* em grande parte do texto, além de trechos de letras de músicas brasileiras e estrangeiras inseridas na trama.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Roberto Marcio: Levei cerca de 1 ano para escrever o romance. Na verdade, ele seria um conto a princípio, porém as coisas tomaram outros rumos. A trama da história foi crescendo, criei novas situações e personagens a partir de ideias que apareciam, e virou um romance. A partir de experiências da minha juventude e lembranças marcantes dos anos 80, idealizei essa narrativa ficcional na qual as canções da época permeiam os acontecimentos – tudo registrado no diário que o protagonista lê. Assim, a história, a política, os ícones, as personalidades, as novelas, os filmes, o futebol, as tragédias - tudo aparece ao longo do texto, como uma (re)visita à época. Precisei de muita pesquisa, em áreas as mais diversas, a fim de checar fatos, datas, acontecimentos, saber mais sobre hábitos, moda, filmes, tecnologias daquela época. Com certeza, muito do que está no livro eu vivi, como jovem na década, e guardava na minha memória. As canções que estão inseridas ao longo do romance (em torno de 60 músicas) são, eu diria, a trilha sonora da minha vida. Muitas delas carregam fortes lembranças de acontecimentos pessoais bem marcantes. Mas a pesquisa é fundamental, se você quer passar algo verossímil, que dê ao leitor a sensação de estar lendo algo real, embora seja ficção. É preciso tomar um cuidado imenso para não deixar no texto qualquer inconsistência, incoerência ou erro. Acima de tudo, uma questão de respeito ao meu trabalho e ao leitor.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Roberto Marcio: Um trecho que eu considero especial foi um dos mais difíceis de escrever: é o momento quando o casal – um brasileiro e uma dinamarquesa - se encontram fisicamente pela primeira vez. Queria criar uma cena de amor intenso, com muita paixão e química, mas sem ser algo vulgar. A cena acontece ao som do *Bolero* de Ravel, o que ajuda a criar algo ao mesmo tempo mágico, intenso e sensual. A música fez a diferença.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Roberto Marcio: Gostaria muito que acompanhassem o meu Instagram (=> @robertomarcio.8). Para adquirir o novo livro (ou os anteriores), há várias formas: em Belo Horizonte (MG), nas lojas da livraria Leitura. Via online – pelo site <https://seteautores.minhalojanouol.com.br/>.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Roberto Marcio: Tenho possíveis ideias às vezes, e vou anotando tudo. Mas nada ainda que possa gerar uma história interessante. Acho que é uma questão de tempo. Espero que novos projetos venham logo!

Perguntas rápidas:

Um livro: “O livro dos espíritos”, de Alan Kardec

Um (a) autor (a): Edgar Allan Poe

Um ator ou atriz: Nathalia Timberg

Um filme: Ghost

Um dia especial: Meu 1º lançamento presencial de uma obra

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Roberto Marcio: Gostaria que os leitores que se identificaram com alguma das propostas conhecessem meu trabalho, e que me seguissem no Instagram (@robertomarcio.8), se possível enviando suas opiniões e críticas.



ENTREVISTA COM RENATO ALVES



Renato Alves

Nascido em 1984, Renato Alves é romancista, contista e poeta. Seu mais novo livro, "A eternidade é um tédio", foi publicado recentemente e de forma independente pelo Clube de Autores. Em 2019 o autor publicou, através da mesma plataforma, o romance "Criaturas indiscretas e obscenas".

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?



Renato Alves: Acredito que como a maioria dos escritores da minha geração, comecei publicando textos avulsos nos sites de autopublicação. Com o passar do tempo e com a notória percepção de que minha escrita evoluía, comecei a levar o processo mais a sério. Então, o que era um hobby se tornou uma tarefa árdua e complicada, porém mais prazerosa e satisfatória. Escrever com coerência é difícil. As armadilhas estão por toda a parte: incoerências, contradições, repetições e os excessos se proliferam como erva daninha nos campos das páginas. Um bom escritor também deve ser um bom ceifador.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "A eternidade é um tédio". Poderia comentar?

Renato Alves: É um livro de contos. Sempre gostei das amplas possibilidades narrativas que as

histórias curtas dão ao autor. Neste livro, procurei explorar de maneira criativa as mais variadas formas de contar uma boa história. Um exemplo: durante dois contos, o fator surpresa é preponderante para o funcionamento da trama; o leitor é levado a um caminho em que apenas a linguagem literária é capaz de conduzi-lo sem prejuízos. O que se passa durante essas histórias não poderia ser contado, por exemplo, com imagens. O imaginário é de fundamental importância. E no geral, todos os contos entregam ao leitor algo novo se comparado aos padrões das estruturas.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Renato Alves: Foram muitas pesquisas, pois cada conto possui uma temática diferente. Complexo, misantropia, doença terminal e traição são alguns dos destaques da obra. Li muitos artigos e matérias sobre os determinados temas que me propus a escrever. Os livros que tenho na estante também me serviram como fonte de pesquisa. O tempo de conclusão do livro, entre escrita e revisão, durou em média três anos; esse tempo é meio que um padrão para mim, na certa o meu próximo livro será concluído em tempo similar.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Renato Alves: As conclusões são fantásticas. Alguns contos terminam revelando algo inesperado, outros de maneira mais cômica, porém se eu pudesse escolher... não sei, mas de fato, três contos me chamam mais a atenção: o segundo, intitulado “A eternidade é um tédio” (conto que dá título ao livro), relata o dia em que Jesus Cristo decide visitar a Terra com a intenção de realizar um milagre. A forma que essa história é contada lembra muito uma esquete, e o final é hilário. Há também outro conto chamado “O misantropo”, que é narrado em primeira pessoa. Nesse, acompanhamos o ponto de vista e as atitudes inconvenientes e politicamente incorretas de um homem digamos... excêntrico. E talvez o mais surpreendente seja o conto “A letra S”, em que um jovem rapaz se apaixona por uma linda e misteriosa mulher. Essa história conta com um Plot twist de, literalmente, encher a boca. E logo na sequência, uma nova revelação faz a trama fazer todo o sentido e ser fechada com chave de ouro. Ao todo são dez histórias, e todas valem muito a pena.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Renato Alves: O livro está à venda no site Clube de Autores e em outras livrarias online, vou deixar os links aqui. Também vou deixar o endereço da minha página no Recanto das Letras para quem quiser conferir mais sobre o que eu escrevo.

Links para adquirir o livro: <https://clubedeautores.com.br/livro/a-eternidade-e-um-tedio>

<https://www.estantevirtual.com.br/busca?utf8=%E2%9C%93&q=A%20Eternidade%20%C3%A9%20um%20T%C3%A9dio%20Renato%20Alves>

Link do Recanto das letras: <https://www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=70606>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Renato Alves: Sim, mas ainda estão ganhando forma dentro da minha cabeça. Por ora, posso adiantar que o meu próximo livro será narrado em primeira pessoa.

Perguntas rápidas:

Um livro: Muitos. De praxe, vou citar o último que li: Serotonina, de Michel Houellebecq.
Um (a) autor (a): No momento, não poderia ser outro: Rubem Fonseca. Acabou se tornando personagem de um dos contos do meu livro.

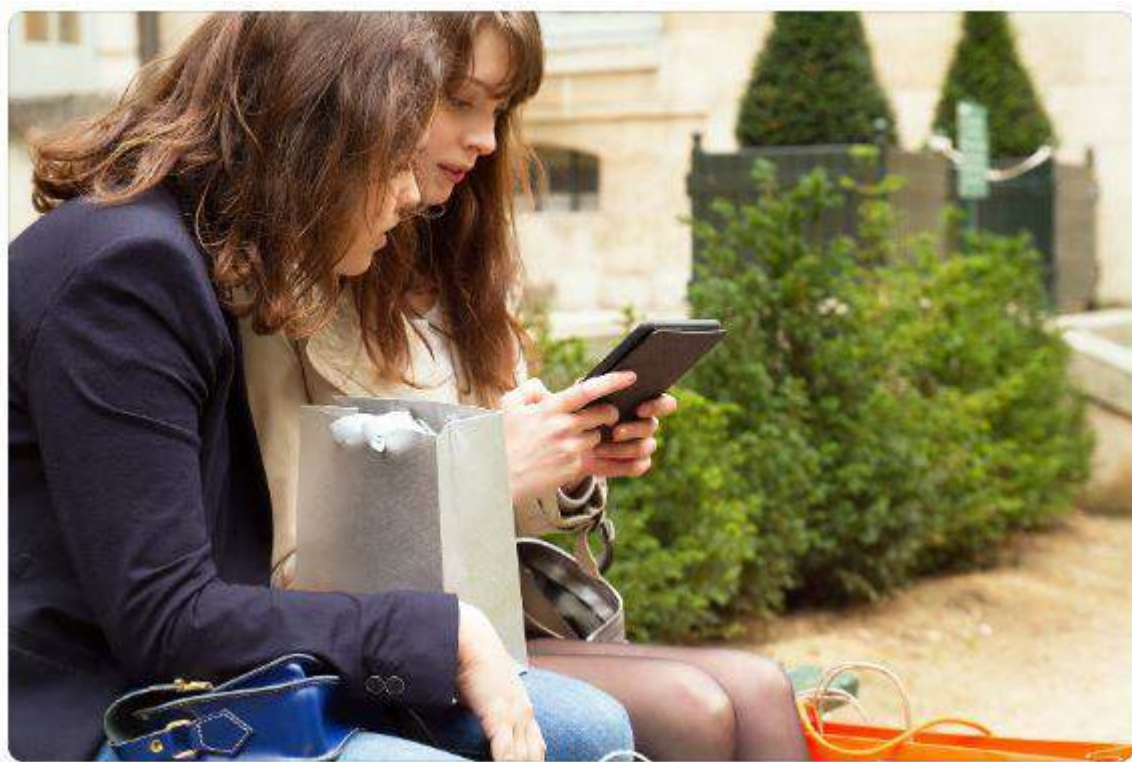
Um ator ou atriz: Sob a direção do Tarantino, todos.

Um filme: Também são muitos, mas vou citar o que mais me surpreendeu recentemente: Interstellar, do Nolan. Ficção científica nunca foi a minha praia, porém esse filme me fez pensar por semanas.

Um dia especial: Silencioso, frio e, se possível, com chuva.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Renato Alves: Vou ser curto e grosso: “Ingênuo é o homem que desconhece a sua própria classe. Ignorante é o homem que endossa as atitudes perversas e errôneas de um genocida boçal. E criminoso é aquele que duvida e ainda propõe findar com o processo democrático que conquistamos à base de muita luta”.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

O UIVO DO LOBO

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

ENTREVISTA COM SUSETE MENDES

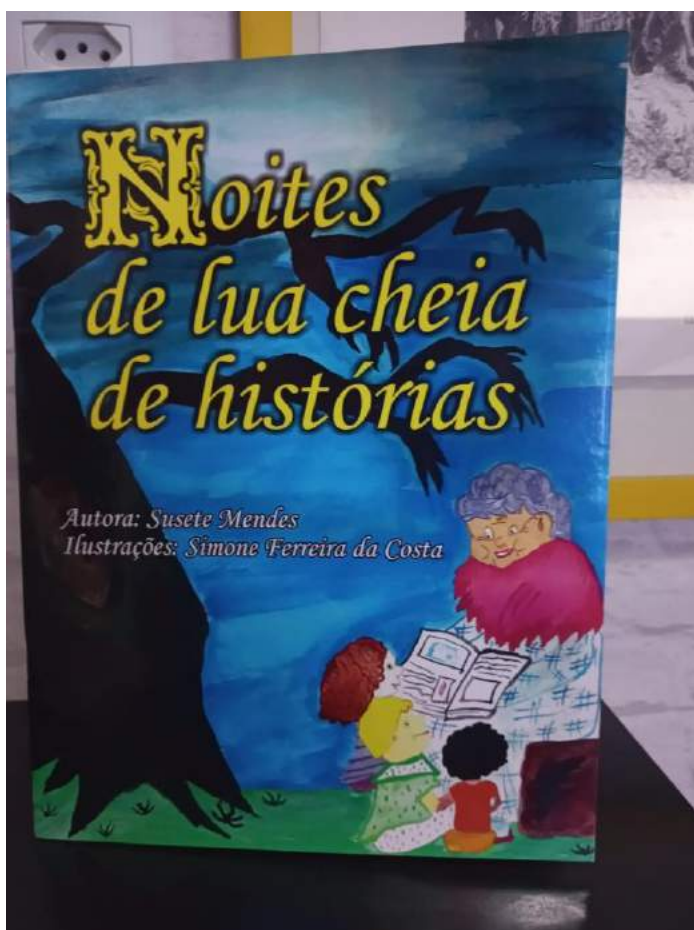


Susete Mendes

Susete Mendes, tem 59 anos e nasceu em Ribeirão Preto, interior de São Paulo em 24/12/1963. Formada em Ciências Sociais, Pedagogia e pós Graduada em Mídias na Educação e Artes Visuais, cresceu em uma família grande, que sempre lhe contavam histórias divertidas, as quais passou a contar para seu filho e para as crianças nas escolas onde atuou como professora. Apaixonada por livros sempre incentivou seus alunos registrarem suas histórias e publicou 4 projetos com histórias deles. Em 2018, resolveu publicar as histórias da sua família e as reuniu num lindo livro chamado "Noites de Lua cheia de histórias". Atualmente, Susete Mendes mais experiente, resolveu publicar seu segundo livro "Aparecida", e claro, continuar se aventurando nesse universo lindo da literatura infantil.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Susete Mendes: Desde criança fui apaixonada por histórias que ouvia de meus pais, avós e tias. Quando aprendi a ler, com 6 anos de idade, tornei-me uma leitora assídua. Esta paixão por livros prosseguiu até a vida adulta. Quando me tornei professora, fui convidada para ser Professora Orientadora de Sala de Leitura e foi quando eu me “joguei” no meio Literário. Organizei uma obra com produções autorais de alunos e comunidade, a obra “Kizomba Literária na EMEF Profa. Marili Dias”, que foi publicada pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo em 2012, neste mesmo ano publiquei minha monografia de Especialização em Mídias na Educação pela NEA Edições Acadêmicas e no ano seguinte publiquei a obra “As aventuras de Aninha: A Casa do João de Barro e seus filhotes” produção autoral da turma de Pedagogia Ead – Morro Doce - 2011-2013, da Fundação Hermínio Ometto – Uniararas, da qual eu era Tutora. A partir daí fui amadurecendo a ideia de escrever histórias infantis da minha autoria.

**Conexão Literatura: Você é autora dos livros NOITES DE LUA CHEIA DE HISTÓRIAS e APARECIDA. Poderia comentar?**

Susete Mendes: O livro “Noites de Lua cheia de histórias”, são pequenas histórias do folclore brasileiro (contos de tradição oral) que eu ouvia dos meus avós, pais, tias e tios, quando era criança. As histórias são de personagens comuns do folclore brasileiro (cuca, bicho papão, mula sem cabeça, lobisomem, boto, iara) porém são recheadas de memórias da minha família, com peculiaridades geográficas, nomes e comportamentos de pessoas conhecidas pela minha família, que dá uma certa “veridicidade” nos causos. Tais histórias eu contava para meu filho, sobrinhos e alunos, e eles se encantavam.

Quando meu filho tinha 4 anos, eu tive que escrever histórias de personagens do folclore para que ele fizesse as ilustrações, a pedido da professora dele. As histórias seriam apresentadas na Mostra cultural da Escola. Foi desta forma que surgiu o primeiro registro das histórias contadas pela minha família, as quais foram ilustradas, encadernadas e

fizeram parte da exposição no evento. Depois da mostra cultural o material foi devolvido. Eu guardei por 14 anos e quando meu filho completou dezoito anos resolvi enviar para uma editora, a fim de publicá-lo com uma dedicatória para ele. Uma amiga professora fez a Ilustração e a Editora Perse, publicou e oportunizou o Lançamento na Bienal 2018.

O livro “Aparecida”, é um tema tenso, que todo mundo reconhece que é uma pauta necessária, mas sentem-se desconfortáveis num debate. O tema daria umas mil páginas dramáticas, porém meu propósito era escrever uma história curta, numa linguagem mais amena, mais propícia para o público infantil e trazer a história para o papel foi muito trabalhoso. Ao escrever a história tive muita dificuldade pra lidar com o silêncio, solidão, tristeza, medo da criança que sofre abuso sexual infantil, um misto de sentimentos que muitas passam e quase sempre são ignoradas.

A personagem Aparecida é uma menina negra e pobre e ela representa a história de muitas crianças que passaram e passam por esta violência silenciosa e

“silenciadora”. É um livro que vai além de uma “denúncia” ele mostra de forma simples, o quanto nós adultos, pais e educadores, podemos ser negligentes e o quanto nossa omissão pode fazer uma criança sofrer a vida inteira, se escondendo, se oprimindo, por sentir culpa por algo que ela não permitiu mas também não conseguiu evitar. Pode e deve ser lido por crianças e adultos e pode servir como estratégia nas rodas de conversa para dar voz as crianças e adultos que sofrem ou já sofreram abuso sexual.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seus livros?

Susete Mendes: Para nenhuma das obras eu consigo dizer o tempo exato ou aproximado para conclusão. A escrita foi feita e interrompida muitas vezes, mudei de ideia muitas vezes e desisti muitas vezes, deixei as histórias guardadas e as resgatei em outros momentos.



Para o livro “Noites de Lua cheia de histórias”, eu poderia dizer que a construção dele começou quando da escuta na minha infância e do registro escrito para a participação num evento escolar somando mais um período de 14 anos na gaveta. Neste período de 14 anos eu li e contei muitas histórias de tradição oral. Tive contato com obras maravilhosas do maior folclorista brasileiro Câmara Cascudo e dentre muitos outros, conheci também o livro “Adormeceu a margarida?: Aventuras folclóricas”, autora Maria Heloisa Penteado, com uma aventura apaixonante de diferentes personagens folclóricos.

Claro que tudo isso, me encorajou enviar meus manuscritos para a Editora e publicá-los.

Quanto a escrita do livro “Aparecida”, era um assunto que estava na minha lista de desejos, porém a decisão de escrevê-lo culminou na pandemia, quando o abuso sexual infantil se potencializou devido ao isolamento social. Segundo, Diel Santos, 2021 numa matéria publicada no site <https://livredetrabalho infantil.org.br/>, os casos de abuso sexual infantil no Brasil, apresentou um aumento muito grande durante a Pandemia do Coronavírus. O crescimento de denúncias praticamente dobrou no primeiro semestre de 2021 em relação ao primeiro semestre de 2020, sendo que das denúncias realizadas , aproximadamente 83% eram meninas e 57,73% crianças e adolescentes negros.

Como professora, durante minha jornada de mais de 20 anos, fui confidente de algumas crianças que passavam por situações de abuso e me senti muitas vezes impotente, principalmente quando procurava os órgãos institucionais “competentes”, os coletivos que tratavam dessa temática, e lá, ficava sabendo de centenas de casos não resolvidos.

Deste modo as reportagens sobre este assunto e a falta de suporte para educadores um dos principais ouvintes desta monstruosidade, passaram a me incomodar bastante. Daí a ideia de escrever esta história, a qual, confesso ter ficado um pouco receosa para publicá-la, porém ao enviar para algumas editoras para avaliação, recebi devolutivas bastante encorajadoras.

Gostaria de acrescentar uma particularidade deste livro, a qual tenho certeza que muitos leitores que me conhecem pessoalmente devem estar curiosos. Por que a Aparecida nasceu no mesmo dia da autora?

Porque, simplesmente, Aparecida é meu presente de Natal e significa pra mim “renascimento”. Escrever este livro me empoderou num momento em que eu me questionava como profissional e como cidadã. Vendo ele pronto, lançado , lido e comentado, sinto que eu não estava errada quando o escolhi para ser meu presente, pois, Aparecida me mostrou um novo começo e marca um momento em que meus pensamentos transbordam novas possibilidades. Em breve encerrarei minha carreira no magistério, e agora posso dizer que estou emocionalmente preparada para isso e esperando isso, pois, tenho que abrir caminho para uma nova caminhada cheia de surpresas.

O lançamento do livro Aparecida, foi em novembro deste ano(2022) na Casa de Cultura Municipal Salvador Ligabue em São Paulo (04/11) e na FLIP – Festa Literária

Internacional de Paraty – RJ (27/11), participação proporcionada pelo coletivo Escreva garota!, do qual eu faço parte.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seus livros?

Susete Mendes:

NOITES DE LUA CHEIA DE HISTÓRIAS - trecho do Conto – “O Lobisomem apaixonado”

Na verdade ela queria provar para todo mundo que lobisomem não existia, então seguiu o bicho até o cemitério. O bicho peludo ficou de pé feito um homem encima de um túmulo e uivava para a lua cheia. Neste momento ela teve a ideia de quebrar o encanto, e...

APARECIDA – trecho do livro – fase Adolescência da menina Aparecida.

Os livros de contos de fadas perderam o encanto, foram guardados numa caixa e abandonados num canto do porão, juntando poeira com os demais. O tempo passou a menina cresceu. Adolescente, se olhou no espelho e criou coragem.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Susete Mendes: Ainda estou me organizando (estou construindo um espaço na web, para facilitar o contato comigo e conhecer meus trabalhos atuais e outros novos que publicarei em breve), mas por enquanto atenderei a todos que me procurarem nos canais abaixo:

Meu e-mail suse.mendes@hotmail.com

Instagram [@mendessuse](https://www.instagram.com/mendessuse)

O livro Noites de lua cheia de histórias – Está a venda nos sites:

<https://www.submarino.com.br/produto/67583676/noites-de-lua-cheia-de-historias?>

<https://www.americanas.com.br/produto/67583676/>

Plataforma Perse - <http://www.perse.com.br> > livro

O livro Aparecida – nos sites

<http://www.Illuminare.com.br/>

<https://www.mercadolivre.com.br/anuncios/MLB3020022682/modificar/18680925-update-028745c3ddb2/detail> (livro + boneca de pano da personagem APARECIDA)

<https://www.mercadolivre.com.br/anuncios/MLB3044850771/modificar/18680925-update-f10d265dd63f/detail> (Só o livro)

instagram @livros_literatura_aparecida

Instagram @mendessuse

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Susete Mendes: Sim. (Estaremos na Bienal do Rio de Janeiro e de Pernambuco em 2023, com novidades)

Perguntas rápidas:

Um livro: Meu pé de Laranja Lima - José Mauro de Vasconcelos

Um (a) autor (a): Rubem Alves

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Filhos do Paraíso – Filme Iraniano 1998

Um dia especial: dia 08 de maio de 2000 - O nascimento do meu filho



Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se

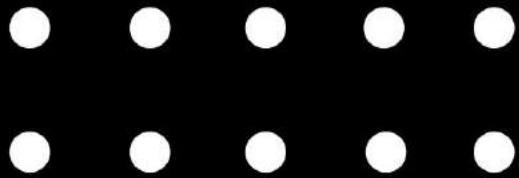


Agradecimentos aos apoiadores:

Roberto Schima - Mayanna Velame - Sandra Boveto
José Luís Farias Pereira

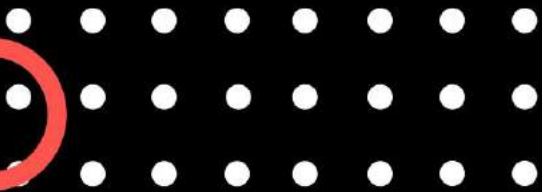
você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





NÉLIDA PIÑON

O escritor não deve apenas criar, mas deve também emprestar a sua consciência à consciência dos seus leitores, sobretudo num país como o Brasil.

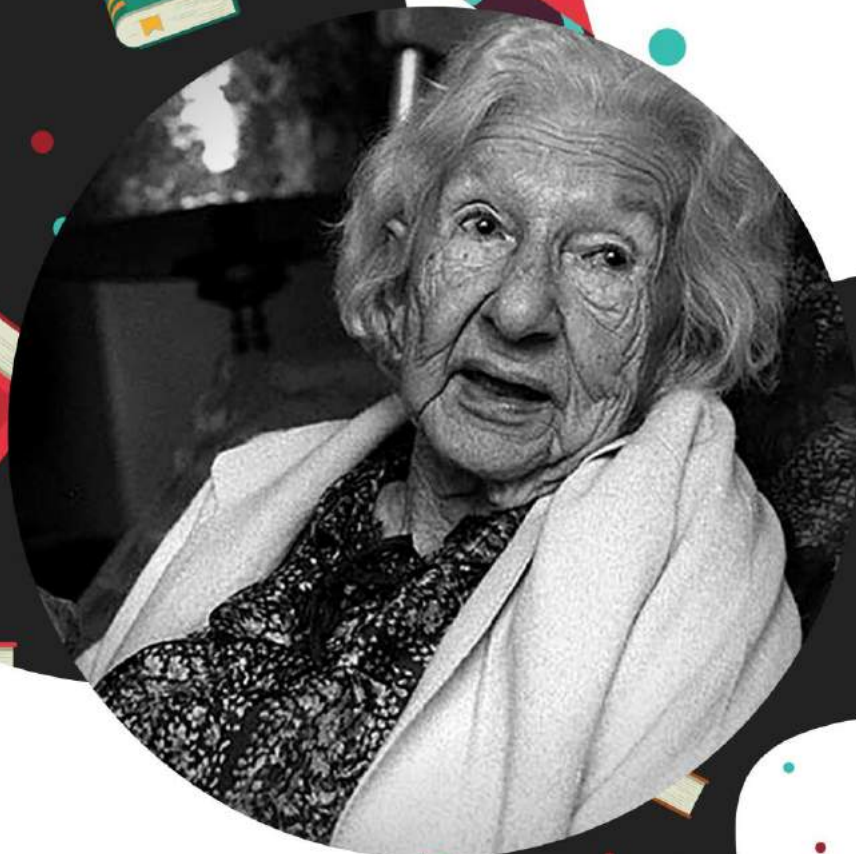


VINICIUS DE MORAES

A vida é a arte do
encontro, embora haja
tanto desencontro pela
vida.

CORA CORALINA

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher.






REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

Acesse o nosso site e redes sociais e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

 @conexaoliteratura

 @revistaconexaoliteratura



www.revistaconexaoliteratura.com.br



Virado à paulista (parte I)

CONTO

"Se tu nunca comeu bosta, como sabe que tu não gosta?"

Chiquinho olhou para o chef um tanto surpreso. Paulistano, com quase dez anos de experiência no ramo, nunca tivera que responder a uma pergunta parecida com aquela."

BERT JR.

“Se tu nunca comeu bosta, como sabe que tu não gosta?”

Chiquinho olhou para o chef um tanto surpreso. Paulistano, com quase dez anos de experiência no ramo, nunca tivera que responder a uma pergunta parecida com aquela. Era bem possível que o fato de estarem sendo filmados contribuísse para aumentar a surpresa. O vídeo seria depois postado na internet e Chiquinho sabia que o chef, o gaúcho Olavo Trigrosso, não gostava de editar nada. Seu programa era um *reality show* gastronômico, chamado *Tri Gastrô*, em que as experiências dos participantes deviam ser vividas e mostradas “sem frescura”. Embora não conhecesse Trigrosso ao ponto de saber que certas perguntas não eram para ser respondidas, Chiquinho por sorte intuiu que bastava, no caso, provar o salpicão servido em canoa de orelha de lebre. Apenas isso. Por ora, claro. Com certeza, algo muito pior viria depois.

Chiquinho não desperdiçaria o esforço feito para estar ali a troco de qualquer repulsazinha pueril. Não eram duas orelhas de lebre, carregadas de salpicão, que o eliminariam da disputa. Se fosse mais velho, e tivesse crescido assistindo os desenhos animados do Pernalonga na televisão, aí talvez o preparo daquele prato insólito pudesse ser demasiado para ele. Mas não era o caso. Tinha apenas 25 anos de idade, e, felizmente, seus programas infantis preferidos não incluíam coelhos. Superada a fase eliminatória, em que quatro candidatos haviam sido descartados, Chiquinho agora disputava a semifinal com outros três aspirantes ao posto de subchef de Trigrosso, estimando como boas suas chances de chegar à etapa decisiva. Havia estudado a fundo a biografia do chef gaúcho, de modo a melhor compreender as suas idiossincrasias. Sabia, portanto, que demonstrações de nojo o irritavam profundamente, pois tivera uma infância interiorana difícil, num meio rústico, situação que obrigara, durante longos períodos, a que recorresse à fauna silvestre do sul do país para reforçar a dieta alimentar da família.

Após a confecção dos pratos, todos os participantes eram obrigados a prová-los, alguns de pé, outros sentados em volta do balcão de granito escuro. Trigrosso analisava as reações de cada um deles. Se determinado prato estivesse mal feito e alguém elogiasse por insegurança, ou falta de conhecimento, ele anotava mentalmente, para recuperar a informação mais adiante, no momento de atribuir conceito ao desempenho individual dos competidores. Quando o salpicão em canoa de orelha de lebre, preparado pelo colega cearense, foi trazido ao balcão, Chiquinho teve um breve instante de estranhamento com o prato, imediatamente registrado pelo chef, que o alfinetou com aquele dito gauchesco sobre a necessidade de se provar antes de decidir se gostamos ou não de algo. O descuido de Chiquinho não chegara a ser grave, pois não fizera nenhuma observação impertinente nem cara de nojo. Sofrera, apenas, uma brevíssima vacilação. Pelo menos, foi essa a interpretação do paulistano para o episódio.

Cada qual era instruído, de forma esquemática, a fazer o melhor possível para desenvolver o prato que lhe tocava ao estilo e gosto do chef. Afinal de contas, o programa tinha o objetivo de escolher um subchefe para ser o seu braço direito, não outro chef para dividir o palco com ele. Diariamente, ao acordar, e também antes de dormir, Chiquinho recordava a si mesmo o papel que lhe cabia na cozinha do programa. “Nada de estrelismo, nem uma só ousadia; aja com realismo, cozinhe o prato do dia”, era

a máxima composta por ele para ser repetida até o final do certame. Os quatro eliminados da primeira fase haviam cometido, todos, o mesmo erro, de pretender melhorar a receita ditada por Trigrosso. Havia cedido aos reclamos do ego para mostrar que possuíam nível de excelência no que faziam, que eram capazes de imprimir marca pessoal aos pratos. Exatamente o que não deveriam ter feito.

Depois do candidato cearense, foi a vez de Chiquinho apresentar ao grupo a entrada que havia preparado. A receita que lhe tocara era ragu de tripa em cama de suflê de espinafre mesclado com purê de chuchu, salpicado de farofa de amendoim doce. Todos pareceram deliciar-se com o prato, exceto o candidato carioca, que mastigava visivelmente contrariado.

— Que foi? Tá com medo de achar algum pedaço de vidro ou de gilete no meio da tripa? — indagou Trigrosso. — Vaca só come capim, guri!

— Não é isso, não — disse o rapaz. — É só porque a consistência é um pouco estranha.

— Vai me dizer que tu nunca mascou chiclete? Pois é a mesma coisa, tchê, só que no fim tu engole em vez de cuspir.

— Correto — respondeu o candidato, que já se esforçava por aplicar força redobrada na mastigação.

Chiquinho ficou feliz, como se o prato tivesse sido aprovado pelo chef.

Em seguida, o candidato capixaba apresentou a entrada que lhe havia tocado. Picadinho de caracol, temperado com hortelã e alecrim, sobre folha de alface crespa e cebola roxa caramelizada. Esse era duro de encarar. Assim como turista no litoral do Brasil quando fala com sotaque estrangeiro, lesmas ficam mais apetitosas se chamadas de *escargots*. Quando chegam ao prato sob o nome prosaico de caracol, ou lesma mesmo, a coisa se complica. Todos os candidatos, até o próprio capixaba, empunhavam seus garfos com relutância diante daquele montículo cinza, instalado no centro da louça branca. Uma vez dentro da boca, o melhor era mastigar o menos possível. Foi o que fez Chiquinho, agregando, imediatamente, um pouco de cebola caramelizada, para conforto tanto bucal quanto psicológico. Como ninguém se inclinasse a uma segunda garfada, Trigrosso perguntou:

— Então, o que acharam do prato?

— O picadinho tá meio pegajoso — arriscou o cearense.

Chiquinho concordou, seguido do carioca.

— Vocês tão certos — declarou o chef. — Tá gosmento mesmo, porque faltou capricho na limpeza dos bichinhos com limão antes de refogar e temperar.

Dirigindo-se ao responsável pelo prato:

— Tchê, por acaso tu gosta de quiabo gosmento?

O capixaba sacudiu a cabeça, em sinal negativo.

— Pois é a mesma coisa! Isso vale para a tropa toda: quando forem cozinhar lesma, ajam como se fosse quiabo. Mas na hora de comer, o truque é imaginar que vocês tão metendo na boca um butiá bem maduro. É viscoso, é meio melequento, mas é bom pra mais de metro! Assim o troço desce mais fácil. Se não resolver, pensem que, em vez disso, podiam estar junto com a cachorrada, roendo um naco de sebo de ovelha frio que sobrou do churrasco.

E pôs-se a rir com gosto, enquanto despejava água quente na cuia de chimarrão.

Coube ao candidato carioca a última das entradas, um caldo de piranha com lambari guisado e toque de creme de cogumelo. A parte sensível da receita era refogar o lambari inteiro, com olho e tudo. Embora o prato não fosse dos mais desafiadores, sempre havia riscos. O chef ditava oralmente as receitas uma única vez, com indicações desprovidas de detalhes. Cabia ao cozinheiro empregar seu tino culinário para completar as lacunas. Fatalmente, o gosto pessoal acabava entrando, em alguma medida, na elaboração dos pratos. No caso do carioca, todos concordaram que apimentara em demasia o caldo de piranha. Além disso, o que devia ser apenas um toque de creme de cogumelo tinha virado uma mancha com mais do dobro do tamanho recomendável.

— Este gole de chimarrão aqui — disse o chef — vai ser pra eliminar o ardido da pimenta.

A frase soou preocupante. Depois de secar a cuia, Trigrosso voltou-se para o candidato em teste.

— Tem bicho que a natureza já faz com sangue no olho. Piranha é um deles. Aí eu te pergunto: tem sentido provocar um bicho desses? Apimentar a piranha é como jogar sangue no aquário com a tua mão lá dentro. Tu gostaria que isso acontecesse contigo?

Movendo a cabeça, o carioca sinalizou que não.

— Pois essa mesma preocupação tu tem que ter com as tuas tripas, tchê, e com as dos outros também. É como se a barriga fosse o aquário e a pimenta o sangue, tu me entende?

A cabeça do candidato agora se movia em sinal de sim.

— Outra coisa — prosseguiu Trigrosso. — Toque não é mijada. Se eu te digo que vou te dar um toque, é pra eu vir com uma sugestãozinha e não com uma chorumela de críticas. Na culinária, um toque de alguma coisa não é mais que uma colherada, e de preferência rasa. Mas o que é que tu me fez aqui? Botaste uma quantidade animal de creme de cogumelo. Soterraste o lambari! Assim não pode, é pro lambari nadar solto na tigela.

Ninguém dissera ao carioca que o lambari devia nadar solto na tigela, mesmo porque o peixinho estava para lá de morto. Eram essas as sutilezas do chef gaúcho que tanto preocupavam Chiquinho. Por conta disso, o paulistano não se surpreendeu nenhum

pouco quando o candidato em questão foi eliminado. A cerimônia de anúncio do resultado foi muito simples. Os quatro concorrentes da semifinal foram enfileirados, um ao lado do outro, de frente para a câmera filmadora. Trigrosso, de cuiá na mão, apontava para os quatro.

— Olhem só pra eles: novinhos, querendo pastar soltos pelo vasto campo da culinária. Metade eu vou liberar agora. Carioca! Capixaba! A porteira tá aberta pros dois. Vão pastar livres por aí, ruminando o que aprenderam. Paulista! Cearense! Tô lançando vocês pra continuarem estabulados dentro do programa. Se quiserem se juntar aos dois que acabei de liberar, estejam à vontade. Mas se decidirem permanecer na competição, saibam que a minha lançada é firme. Vão ter que aguentar o tranco até o final.

É claro que Chiquinho e Genival, o cearense, decidiram permanecer na disputa. Olavo Trigrosso nunca tivera um subchef trabalhando com ele. Assumir tal posição colocaria uma estrela de inédito brilho no currículo gastronômico do vencedor. Embora os dois finalistas soubessem que a etapa definitiva não seria fácil, não faziam ideia do que os esperava.

A fase final do programa seria filmada na propriedade rural de Trigrosso, próxima da fronteira com o Uruguai. A fazenda, de cerca de mil hectares, tinha mais da metade de sua área coberta por mata nativa. O primeiro dia na fazenda foi destinado à instalação dos visitantes e ao reconhecimento da sede e dos arredores. O cameraman registrava a chegada do grupo ao local. Ao abrir a porta de entrada, Trigrosso exclamou: esta é a minha baía! Estejam em casa. Cansados da viagem de carro, que levava mais de seis horas de Porto Alegre até lá, Chiquinho e Genival quase nada exploraram, preferindo descansar pelos sofás de couro da sala ou nas largas poltronas rústicas do alpendre. À noitinha, com a temperatura em torno dos sete graus centígrados, todos vieram sentar-se na vizinhança do fogão a lenha da cozinha. Trigrosso tomava o último chimarrão do dia, quando um ruído estranho se fez ouvir ao longe, abafado pelos latidos dos cachorros no pátio.

— Ouviram isso? — perguntou ele.

Sim, tinham ouvido.

— É onça — informou.

Os candidatos se entreolharam, com cara de espanto. O anfitrião tranquilizou-os.

— Podem dormir sossegados. A bichana é matreira, mas a cachorrada é valente. Além disso, tem um 38 na gaveta do bidê, do lado da cama de vocês. Tá carregado. Mas aviso logo que onça nenhuma morre com um tiro só. Portanto, se precisarem atirar, descarreguem o trabuco em cima da bicha.

Quando se recolheram, cada um no seu quarto, os dois foram logo conferir se era verdade o que dizia Trigrosso, ou apenas brincadeira. Os revólveres estavam na gaveta, sim, e carregados. Em algum ponto dentro da completa escuridão que envolvia a casa, a onça roncava outras duas vezes, e sua voz lhes parecia mais audível, como se o felino tivesse se aproximado de onde estavam. Seria apenas uma falsa impressão, gerada pelo

medo? O fato é que, apesar do cansaço da jornada, os visitantes tardariam mais de uma hora inteira até dormir, e manteriam, ambos, a luz de cabeceira acesa durante a noite toda.

Às cinco da manhã, foram sacudidos pela pesada mão do dono da casa.

— Hora de acordar, que o dia vai ser longo!

O vozeirão do chef se sobrepunha ao cantar do galo no terreiro, não deixando dúvidas de que não havia outro remédio senão pular da cama. Ao final de julho, em pleno inverno, o ar frio da escura madrugada sulina impunha doloroso sacrifício aos que precisavam trocar de roupa àquela hora. Muito pior, no entanto, era ter que lavar o rosto, escovar os dentes, e fazer a barba com a água da torneira, tão dolorosamente fria que Chiquinho se perguntava como ainda não havia congelado nos canos. No quarto ao lado, Genival soltou um guincho quando o líquido desceu da torneira feito guilhotina sobre seus dedos, os quais retirou da pia num puxão instintivo, temendo que fossem decepados. Trigrosso apressou os candidatos. Precisavam ir ao curral, ordenhar a vaca leiteira para o café da manhã.

— Não sou muito de leite — observou Chiquinho, num pequeno deslize.

— Não precisa gostar de leite pra pegar em teta de vaca — retrucou o chef.

Apesar dos fortes odores de estrume e de leite azedo, que se combinavam para compor a atmosfera do curral, o ato da ordenha acabou sendo divertido para os dois concorrentes, que saíram de lá cheirando estranho, mas animados e com apetite.

Depois de comer, passaram a se dedicar às tarefas do dia. Durante a manhã, iriam afiar os instrumentos de trabalho necessários à prova final da competição. No período da tarde, iriam confeccionar unhas artificiais de silicone, a serem implantadas nos dedos das mãos. Antes de passarem às atividades programadas, Trigrosso reuniu a equipe, no alpendre da sede da fazenda, para explicar, diante da câmera de gravação, como seria a prova final do certame. A fazenda obtivera licenciamento especial do Ibama, que lhe permitia manter certas espécies silvestres protegidas, como a marreca-piadeira, a paca, o veado-mateiro, e também criar o queixada, espécie de porco do mato de carne muito apreciada por seu sabor. No caso do queixada, a fazenda ainda contava com licença para o abate, que podia ser feito em forma de caça. Segundo explicou Trigrosso, a prova decisiva da competição consistiria no seguinte: cada candidato abateria o seu próprio queixada, depois deveria esfolá-lo, para então preparar, com o pedaço do corpo do animal que lhe aprovesse, a receita que o chef transmitiria verbalmente, no momento oportuno, que seria a mesma para ambos. Trigrosso tomaria em conta os seguintes critérios na avaliação dos candidatos: tempo total da prova, grau de habilidade no emprego das técnicas culinárias, e os três aspectos sensoriais básicos de todo prato submetido à sua avaliação: o visual (aparência), o sinestésico (textura), e o organoléptico (aroma e paladar).

Apesar de justa em seus critérios, idênticos para ambos os competidores, a prova causava apreensão em Chiquinho, que nada entendia de caçadas. Ademais, nunca em sua vida tinha precisado pelar e cortar um porco completo, muito menos um espécime silvestre, que devia ser incomparavelmente mais peludo e catiungento do que as raças

tradicionais. E que história era aquela de unhas de silicone? Sobre este ponto, aliás, o chef nada dissera no anúncio que acabara de fazer sobre a prova. Como as conversas com o seu concorrente eram proibidas pelo regulamento do programa, Chiquinho teve de ruminar suas inquietações.

Liderados pelo anfitrião, os candidatos dirigiram-se ao galpão das ferramentas de trabalho. Lá encontraram facas, cutelos, espetos, chairas, tornos, um esmeril motorizado, rolos de arame, agulhões de ferro, utensílios e dispositivos de serralheria, bem como pranchas e bastões de madeira.

— Bem — falou Trigrosso —, o que vocês têm a fazer agora é, basicamente, afiar duas ou três facas, um cutelo, e fabricar uma lança, acoplando um agulhão de ferro a um bastão de madeira, de preferência dos mais pesados, para garantir maior impacto sobre o animal.

Atônitos, os dois despacharam olhares inquietos ao chef.

— Estão preocupados? Pois é pra ficar mesmo. Quando aguilhoado, o queixada vira fera e parte pra cima do agressor. Por isso, meu conselho é que, antes da prova, vocês treinem a mira com a lança. Os pontos a buscar no animal, para um abate rápido, são a lateral do pescoço, e, quando ele arremeter na direção de vocês, a junção da cabeça com a cervical. Um golpe certo, desferido com força suficiente, pode matar, ou pelo menos colocar o bicho fora de combate. Vocês vão ficar dentro dum cercado de madeira, sozinhos com o bicho. É um retângulo de 4 x 8 metros, com vão entre as tábuas da cerca suficiente para que encaixem o pé e subam, como numa escada, se precisarem escapar das investidas do animal. Tentem não derrubar a lança e evitem ser atingidos. Uma cabeçada desse porcão pode fraturar a perna do vivente.

Nada havia a fazer. Tinham assinado um termo pelo qual eximiam a produção do programa de toda responsabilidade por qualquer acidente que pudesse ocorrer ao longo da competição. Era aceitar, ou desistir. Mas nenhum dos dois quis abdicar, o que tornaria o adversário vitorioso sem nem mesmo precisar passar pela prova. Determinados a seguir em frente, puseram-se a afiar as facas e confeccionar a lança, cujo manuseio treinariam durante algum tempo, antes que o almoço estivesse pronto.

Após a refeição, Trigrosso acomodou-os junto à mesa da sala, sobre a qual havia instalado o kit para a fabricação das unhas de silicone. Antes de dar início aos procedimentos, explicou que as unhas tinham por objetivo auxiliar na pelagem e limpeza da carcaça do queixada. Ao final do processo, quando as unhas estivessem concluídas e lixadas, lambuzariam as suas pontas com cola e mergulhariam os dedos em pó de sílica, de modo a conferir maior rusticidade e gume às unhas, facilitando a raspagem dos pelos da carcaça do bicho.

— Quer dizer que vamos raspar os pelos do bicho com as unhas? — admirou-se Chiquinho.

— Exatamente, mas só em parte — respondeu o chef. — É claro que o grosso do serviço vai ser feito a faca, mas sempre sobra uns tufos que custam a sair. As unhas, se bem amoladas, servem como máquinas de depilar eficientes e muito precisas.

Evitando opor resistência aos métodos heterodoxos do chef gaúcho, o que, com certeza, pesaria negativamente na pontuação final, os candidatos puseram-se a fabricar as unhas de silicone de acordo com as orientações recebidas. O processo demorou quase a tarde inteira. O resultado foi julgado satisfatório por Trigrosso.

— Tá parecendo unha de violonista — gracejou. Só que se inventarem de tocar viola vão atorar as cordas da bicha.

Rindo, dirigiu-se ao alpendre, de onde chamou os dois competidores para um chimarrão de fim de tarde.

Fim da parte I



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e acaba de publicar um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiro*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.



Se o Alvorecer Assim o Permitisse

CONTO

"Era uma noite morna e gasta.
O asfalto rachado e edifícios encardidos
ainda exalavam um resquício do calor absorvido
durante um dia inteiro de exposição ao Sol."

ROBERTO SCHIMA

Era uma noite morna e gasta. O asfalto rachado e edifícios encardidos ainda exalavam um resquício do calor absorvido durante um dia inteiro de exposição ao Sol. A balbúrdia urbana cederia lugar a uma quietude enganadora e opressiva de almas em conflito. As luzes de mercúrio faziam pensar em estrelas caídas, porém, suas constelações mostravam-se incapazes de guiar os espíritos errantes a um porto seguro. E, solitários, vagavam pelas calçadas:

Sem rumo.
Sem pressa.
Sem sentido.

Embora fosse tarde da noite, São Paulo jamais dormia, particularmente naquelas ruas sombrias nos arredores da Boca do Lixo. Mariposas sem flor pavoneavam tão perenes quanto a atmosfera nauseante, impregnada de dióxido de carbono e enxofre. Era um mundo de penumbras, gemidos, sujeira e escória cuja escuridão não guardava a esperança de um breve alvorecer. Era o bairro da Luz, contudo, quão pouca luz havia no final de um túnel que mais assemelhava-se a um beco sem saída.

Diante de um prédio baixo e imundo na Rua Mauá, defronte à Estação da Luz — cujo encanto antigo ainda resistia na austeridade britânica de suas linhas arquitetônicas —, um homem alto, de aspecto abrutalhado, segurou firme no braço da jovem ruiva.

— E então?

A moça deu-lhe um pequeno rolo de dinheiro.

O sujeito rosnou:

— Só isso, Verushka?

— O movimento está fraco...

De fato, eram poucos os faróis que percorriam a rua naquele instante, nenhum deles aparentando interesse num prazer rápido e arriscado.

— Não quero saber. Trate de fazer melhor ou vai se haver comigo!

A mulher esperou o cafetão seguir seu caminho e dobrar a esquina. Então, correu para o interior do prédio a fim de refugiar-se em seu quarto pequeno e sórdido, cujas paredes impregnavam-se de desilusão, volúpia e tristeza.

Cruzou no caminho com sua amiga que tivera mais "sorte" e despedia-se de um cliente.

— O que é que há, Verushka? Que cara é essa?

— Nada não. Romualdo veio falar comigo.

— Aquele porco? Judiou de você?

— O de praxe, Vivian. Consegui pouca grana.

— Devia ele vestir-se de mulherzinha pra ver o que é bom.

— Fala baixo! Já chega eu com problemas. Vou molhar o rosto e refazer a maquiagem.

— Vá lá. Vou me arrumar também e voltar pra rua.

Em vez de fazer o que dissera, Verushka deitou-se na cama, sentindo-se um lixo. A exemplo de outras ocasiões, ruminou pensamentos suicidas. Isso era comum em seu meio e conhecera ao menos meia dúzia que seguira esse caminho sem retorno. Vivian

costumava falar: "A consciência é um risco à existência", e, à risca, seguia esse lema. A alienação tornava sua vida menos difícil de suportar.

Verushka, naturalmente, era um "nome de guerra". Seu nome de batismo era Vera, porém, fazia tanto tempo que não se dirigiam a ela dessa maneira que, àquela altura, era como se fosse o nome de outra pessoa.

Vivian ocupava o quarto ao lado. Tampouco esse era o seu nome verdadeiro. Como uma fã do filme "Uma Linda Mulher"¹, adotara o nome da personagem principal a título de talismã, sempre sonhando em, algum dia, encontrar um Edward Lewis de limusine pela frente. Ao menos, ela ainda dava-se ao luxo de sonhar.

Quanto a Verushka, o que restara da moça ingênua do interior que chegara à cidade grande cheia de ilusões, esperanças e expectativas?

Fazia muito tempo que suas lágrimas secaram, entretanto, a angústia persistia como um terreno pútrido e fértil, consumindo-a por dentro. Alimentara sua família com mentiras nos contatos cada vez mais escassos. Sentia-se sem raiz, sem direção e sem futuro.

O sono consumiu seu corpo cansado e ela adormeceu. Não sem antes pensar: "Que bom seria poder dormir e não mais acordar".

Eram três horas da madrugada.

Sem um motivo aparente, Verushka despertou. Suas pálpebras se ergueram diante de um céu sem estrelas. Conseguiu divisar o teto encardido em meio a escuridão, a rachadura e a pintura descascada devido às réstias de iluminação pública que penetravam através das venezianas.

Estava tudo um breu.

Estava muito frio.

Estava quieto.

Estava só...

... Só?

Havia uma secura em sua boca. Ainda no torpor da sonolência, tentou se levantar a fim de apanhar um copo d'água. Não conseguiu se mexer. A princípio, achou que estivesse ainda em uma espécie de sonho. Piscou várias vezes e arregalou seus olhos. Sim, a rachadura, o descascado, a fraca luminosidade. Agora tinha certeza de estar acordada. Quis apoiar o braço na cama. Assustou-se: seu corpo não lhe obedeceu! Não conseguiu fazer mover os braços, as mãos, um dedo sequer. Suas pernas mostraram-se igualmente vítimas da atonia muscular, como se pertencessem a outra pessoa, ou pior, a um manequim de loja ou uma estátua. Sentia-se pesada, afundada no colchão. Quis gritar por ajuda.

"Vivian!... VIVIAN!"

A voz não saiu da garganta de Verushka. Garganta, língua e lábios estavam tão petrificados quanto o resto do corpo. Mas a mente fluía. E Verushka sentiu as farpas do

¹ *Pretty Woman*, Garry Marshall, 1990.

desespero fincando-se em seu cérebro. O que era aquilo? O que estava acontecendo? Ela recebera inúmeros clientes, cada qual com suas manias, fetiches e aberrações. A pior delas era a de ser amarrada, amordaçada e ficar completamente a mercê do pervertido. Sentia-se assim agora.

"Meu pai do céu... VIVIAN!"

E tudo piorou quando, por um sexto sentido, deu-se conta de não se encontrar sozinha no quarto.

Não tinha como ela saber.

Estava tudo escuro ou diluído na penumbra.

Mas Verushka intuiu, percebeu, sentiu e, engoliu em seco.

"Pai do céu... Acorde-me!"

Ela pressentiu isso juntamente com a sensação anormal de frio a tomar conta de seu corpo.

Havia algo no canto do quarto, no teto, acima do armário.

Ela não conseguia enxergar nada além de trevas, uma obscuridade densa e sem forma. Mas sabia: estava lá. Sentia-se observada da direção daquele cantinho, do nada que deveria ter antecedido todas as coisas, da fonte onde o ar frio brotava e escoava feito uma cascata.

A forma escura cresceu, aproximou-se, fazendo diminuir a luz da rua.

"Está vindo! Meu Deus, está vindo!"

Sem ruído algum, Verushka percebeu o colchão se curvar perto de seus pés como se alguém tivesse se sentado lá. Mas não havia ninguém... Nada! Foi tomada por um terror primitivo. Pensou em sua família, tão longe, na ignorância e inocência quanto ao seu destino. Então, algo feito um par de mãos tocou seus pés sob os lençóis. Era tão gelado! Arrepiou-se toda. Quis berrar e espernear sem conseguir. Era loucura. Aquilo não podia estar acontecendo. "Acorde-me!", implorou. Começou a respirar descompassadamente.

As mãos mostraram-se suaves. Fizeram-lhe massagem nos pés como seu pai fazia quando ela era criança e, atualmente, pedia para que os clientes repetissem. Nessas ocasiões, cerrando os olhos, fantasiava ser sua grande paixão imaginária que encontrava-se ali para amá-la, honrá-la, respeitá-la e protegê-la. Somente uma ilusão de alguém que não nutria mais sonhos. A falta de consciência necessária à existência. E as mãos frias foram, de fato, gentis. Acarinhavam o peito dos pés, massageavam por baixo sem produzir cócegas, brincavam com os dedos, torcendo cada um delicadamente, ora de um lado, ora do outro, conforme o pai fazia. Mas como aquilo poderia saber? Qualquer semelhança, terminou ali. Depois, as mãos passaram para as pernas. Carícias lentas na tez quente e aveludada. Os joelhos foram afastados. "NÃO!" Verushka procurou reagir, entretantes, estava paralisada. Sentiu lábios beijarem a parte interna de suas coxas. Por mais que custasse admitir, apesar do pavor da situação, um calor brotou no baixo-ventre. "Não!" Quando a boca alcançou sua porção mais íntima, ela emitiu um gemido mudo. "Nã-nãooo..." A respiração tornou-se mais irregular, arfante. Por mais que a razão gritasse o contrário, Verushka começou a apreciar a carícia e, pouco a pouco, entregou-se ao prazer que aquela língua lhe proporcionava. Quando se viu próxima ao orgasmo, a coisa parou, deixando-a momentaneamente frustrada. Porém, foi surpreendida logo em

seguida. Aquilo avançou e pesou sobre o seu corpo, mãos invisíveis alcançaram os seios, os braços e os ombros e, por fim, algo enorme, rijo e frio penetrou-a sem cerimônia, maior do que jamais percebera em cliente algum. Gritou em silêncio. Logo, a dor foi substituída pela excitação, e, assim, deixou-se violentar repetidamente até alcançar o apogeu diversas vezes conforme jamais conseguira e, saciada, desfaleceu.

Quando despertou, era dia claro.

Os raios de sol e os barulhos da cidade infiltravam-se através das venezianas. Vozes, buzinas, o cheiro da fuligem, o guinchar dos ônibus.

Verushka podia se mexer outra vez. O cansaço a dominava, uma fraqueza incompreensível.

Não havia sinal algum do invasor. E aquele canto no quarto era somente um canto empoeirado onde uma aranha construía a sua teia. Agora, não havia mais teia alguma e a aranha estava morta.

Teria sido alucinação?

Ela tentou convencer a si própria disso, mas a ardência entre as pernas falava-lhe o oposto. Encolheu seu corpo de modo fetal, sentindo-se rasgada por dentro.

Não, não fora um sonho.

E ela reaprendeu a chorar.

E chorou por muito tempo.

Verushka contou o ocorrido para Vivian.

Estavam sentadas no fundo de um bar ordinário, no térreo do prédio. Serviam-se de pingado e pão com manteiga na chapa. O lugar era uma espelunca, porém, o velho atrás do balcão era gente boa e tolerante em relação as "meninas".

A amiga devolveu o olhar de uma maneira desconfiada.

— Bebeu *vodka*?

— Sabe que não bebo.

— Andou injetando o que não devia?

— Muito menos!

Vivian ficou pensativa, enquanto mastigava o pão, evitando que os farelos caíssem sobre o seu vestido estampado de oncinha. Ao contrário de Verushka, ela era pouco discreta à luz do dia, trajando roupas espalhafatosas e maquiando-se de forma a agir feito um luminoso quanto a sua profissão. "Nunca se sabe. Posso ganhar um extra", alegava. Verushka, por seu turno, agia de maneira oposta. Ao caminhar pelos calçadões, ninguém adivinharia qual o seu trabalho. Exceto se Vivian estivesse ao lado, naturalmente. E esta deu seu palpite:

— Foi um pesadelo, amiga, um pesadelo não de todo ruim.

Verushka meneou a cabeça.

— Não diga isso. Foi horrível! Como se já não bastasse o nosso tipo de vida...

— "Nosso tipo de vida"? Já falei, criatura, não entre nessa. Esse tipo de coisa é um redemoinho. Se você deixar, ele te leva pra tão fundo que você nunca mais sairá.

— Eu sei — respondeu Verushka, recordando-se tanto do lema da outra quanto de suas reflexões pouco antes de dormir. — Eu sei...

Observou o cenário do lado de fora do bar. Pessoas andavam apressadas, rostos abatidos ou preocupados; várias entravam ou saíam da Estação da Luz, conforme um dia ela fizera. Um indigente dormia na calçada, junto ao paredão de arcos ornamentais e tijolos vermelhos. Um veículo após o outro seguia da direita para a esquerda, regurgitando suas cotas de poluentes pela Rua Mauá e Avenida Cásper Líbero. Havia o odor de fumaça, poeira, bebida velha e decadência. Não era bem aquilo que a jovem ruiva idealizara quando saíra de sua pequena cidade. Sonhara com um edifício requintado na Avenida Paulista, um apartamento por andar, todavia, acordara num quartinho rançoso da Rua Mauá. Ela também aprendera que, por baixo do verniz do antigo assentamento dos barões do café, a sujeira, embora enfeitada de arabescos, era a mesma. Ainda se lembrava quando, numa de suas primeiras tentativas de emprego do que, em tese, seria para o cargo de secretária em um luxuoso edifício, durante a entrevista, a moça muito perfumada e de peitos grandes por trás da escrivaninha subitamente perguntara:

— Você sabe fazer massagem?

Após Verushka dar de ombros, sopesara e respondera um "sim", afinal, seu pai gostava quando, após um dia árduo de trabalho na roça, ela pressionava-lhe os ombros e as costas com as pontas dos dedos, ou dava-lhe pancadinhas na altura das omoplatas para relaxar.

A moça assentira e, munida de uma caneta-tinteiro, anotara algo numa ficha cor-de-rosa presa a uma prancheta. Em seguida, indagara:

— Já viu um homem nu?

Naquele ponto, as coisas tornaram-se cristalinas — como se não tivesse bastado o decote pronunciado exibido pela entrevistadora — e ela saíra daquele lugar toda nervosa e cheia de embaraço.

Não tardara a descobrir que, sem experiência de no mínimo dois anos em alguma função, não iria a parte alguma. Suas economias findaram. Ela precisava comer, vestir, ter um local para dormir. Por fim, quando conseguira trabalho de balconista em um armarinho, descobrira que o dono desejava aquilo que, agora, ela oferecia por cinco vezes mais do que ele pagava.

Comparando-se onde viera parar, estaria Verushka em melhor situação se tivesse seguido adiante com a malfadada entrevista? A cama poderia ser de carvalho; os lençóis, de seda; o quarto, grande e limpo. Talvez até tivesse empregada. Mas sob a fina camada de verniz, o que teria mudado?

Vivian interrompeu as reminiscências da amiga:

— Lembra de Sophya?

Sophya — sem o "ph" na verdade, e muito menos o "y" — era uma garota de rostinho angelical e corpo de coelhinha da *Playboy*. Esse contraste deixava os homens doidos. Até as mulheres fitavam-na com admiração. Tivera êxito financeiro ao tornar-se garota de programa e mudar-se para Brasília. Tornara-se prostituta de luxo para o que de mais lixo havia na capital do país. Deveria estar feliz — segundo os padrões de sua profissão —, todavia, encerrara precocemente a vida por meio de uma overdose no quarto de um deputado. Todos os possíveis escândalos relacionados ao seu nome foram

prontamente abafados; e sua existência, apagada. Exceto para aquelas que, apesar da distância, eram-lhe mais próximas.

— Se lembro — confirmou Verushka. — Só espero que o meu "pesadelo" não volte. Ainda tenho que lidar com o Romualdo... Eu devia ter trabalhado, mas dormi. Não faturei mais nada!

— O porco que se dane! Ah, diacho, caiu farelo na minha roupa. Droga! Hum... Qualquer dia, ele acabará com uma navalha no bucho. — Deu algum dinheiro para a ruiva. — Tome. Isso acalmará aquele nó cego.

— Não posso aceitar! É seu. E...

— Tive uma boa noite. E, quem sabe, arranjo mais uns trocos durante o dia, enquanto o sono não chega. Vá lá, pegue!

— Não sei o que dizer...

— Nesse mundo dos infernos, só contamos uma com a outra. Beba também um suco de laranja. Sua aparência está péssima, menina.

Dizendo isso, Vivian levantou-se, pagou a conta de ambas para o velho e saiu do bar, rebolando os quadris por força do hábito em seu apertado vestido de oncinha.

Era verdade. Verushka ainda estava um trapo.

Não obstante a esperança, a paralisia e as visitas repetiram-se noite após noite.

Após cada uma, Verushka ficava mais e mais exaurida, drenada de suas energias.

Por mais que Vivian a ajudasse, as cobranças de Romualdo tornaram-se insistentes.

— Tô ficando por conta! — falou o cafetão. — Vai levar um pontapé no traseiro e ficar sem quarto.

O que a princípio dera-lhe prazer, passara a incomodar, a aumentar o pânico do sobrenatural, pois a tal escuridão mostrava-se cada vez mais exigente e agressiva.

Na quarta noite, antes de dormir, Verushka rezou. A última vez que fizera isso, ainda era criança e frequentava o catecismo na pequena igreja de sua cidade. Trouxe-lhe algum alívio, mas não diminuiu o medo.

De madrugada, sempre às três horas, quando a coisa retornou, a jovem prostituta percebeu uma diferença: podia se mover... e falar. Teria algo a ver com suas orações?

Sentiu as mãos sobre seus pés. Sem brincarem com os dedos, avançaram direto para as pernas e os joelhos.

— Não! — gritou ela.

Procurou empurrar com os pés, resistir a investida, contudo, estava muito fraca.

Uma das mãos invisíveis tapou-lhe a boca. Sentiu garras nas pontas dos dedos, o que não ocorrera anteriormente. Foi espancada, violada e, em sua mente, escutou uma voz gutural, impregnada de maldade:

"Não devia ter orado. Você me pertence!"

Imobilizada e aterrorizada, ela só pôde grunhir.

A coisa continuou:

"Durante inúmeras noites, invadi seus sonhos. Vi suas esperanças atravessarem o umbral. Observei seus castelos desmoronarem. Estive aqui na sua primeira transa por dinheiro. Ri de sua

choradeira. Quem você acha que te fez descer tão baixo? Conheço-a melhor do que você conhece a si própria. Não me pode rechaçar. É minha! E eu a levarei..."

Verushka, mais do que a dor da penetração — tanto o diâmetro quanto o comprimento daquilo estavam maiores —, percebeu que algo tomava conta de sua mente. Era como se a sua consciência estivesse sendo encarcerada e, do outro lado das grades, o monstro frio e sem forma tomasse conta de seu corpo. Estava sendo possuída de um jeito que só ouvira falar em filmes de horror sobre possessão demoníaca. Assistira-os em cinemas da Boca do Lixo que costumavam revezá-los com pornochanchadas — quando não fundiam ambos os gêneros. Em seu desespero, tentou morder aquela mão, porém, não havia mão alguma para ser mordida. Lágrimas corriam-lhe pelos olhos e, sem mais nada que pudesse fazer, voltou a rezar.

"*PARE COM ISSO!*", berrou a voz dentro de seu cérebro.

Subitamente, a porta do quarto foi aberta.

O cafetão entrou por meio de um molho de chaves sobressalentes. Numa rápida olhada, a fraca luminosidade externa e a luz do corredor deixaram perceber a silhueta de Verushka estirada na cama, lençóis atirados ao chão, completamente despida. Ele pretendia surrá-la de um modo que jamais esqueceria por não ter faturado o suficiente. Contudo, ao vê-la daquele jeito, tão obscenamente exposta, a lascívia tomou conta de seus pensamentos. Os braços de Verushka estavam estirados para os lados. Formariam um "Y" com seu corpo, não estivessem seus joelhos dobrados e tão distantes entre si quanto um cotovelo do outro, fazendo-o pensar em um "V" sobre a letra "M". Romualdo nunca imaginara que aquele rostinho de boa moça escondia tamanha devassidão, senão, teria usufruído melhor de sua "funcionária" desde o início. Mas, conforme o ditado, nunca era tarde demais para começar. Passou a língua nos lábios.

— Vai me pagar de um outro jeito...

Desafivelou o cinto e pretendia abrir o zíper quando percebeu algo incomum naquela cena por si estranha. Reparou na expressão angustiada da moça, o brilho de lágrimas em seu rosto, os lábios comprimidos, o aspecto achatado dos seios e do ventre como se houvesse alguém sobre ela. A cama movia-se e rangia sem que Verushka estivesse se mexendo, exceto pelo efeito que aquilo provocava sobre ela.

— Mas que diabo é isso?

Levou o braço esquerdo na direção do interruptor, porém, antes que pudesse acender a lâmpada do quarto, algo extraordinário aconteceu. Romualdo passou a estrebuchar sob a guarnição da porta. Sua silhueta diante da luz do corredor assumiu contornos grotescos. A seguir, foi tomado por uma luz suave. Envolveu-o em um halo e desapareceu como se absorvido pela pele. Reassumindo a postura ereta, o que quer que tomara conta de Romualdo caminhou até a cama e dirigiu-se àquilo que atacava Verushka:

— Liberteis a mulher.

Era uma outra voz que não a do cafetão.

E a coisa retrucou através dos lábios da jovem:

— Ela é minha!

A voz era formada por inúmeras vozes e surgiu distante, de um poço muito profundo.

Os lábios de Romualdo ordenaram:

— Não, ela não vos pertenceis. Deixeis, *spiritus immundus!*

Atracaram-se.

A consciência de Verushka, aprisionada em seu próprio corpo, presenciava o confronto, entrementes, continuava presa em sua cela interior, sem nada que pudesse fazer a não ser assistir e sentir a dor que estilhaçava sua alma a medida em que sofria as agressões tanto do demônio que a dominava quanto da outra coisa ao agredi-lo.

— Ela... é... minha!

— *Vade, satana, inventor et magister omnis fallaciae!*

— E.. la... é... m... Nãããooo...!

Finalmente, o íncubo abandonou o corpo de Verushka.

Ela desabou sobre a cama, quase desmaiada.

O ambiente do quarto tornou-se leve; a temperatura, amena; a luminosidade, mais brilhante.

Verushka, ofegante e trêmula, era novamente dona de si e foi tomada pelo alívio.

O corpo do cafetão aproximou-se. Apanhou os lençóis e cobriu a jovem.

Verushka, agarrada ao tecido, encolheu-se toda.

— Não precisas ter medo — disseram os lábios de Romualdo num timbre que não era o dele. — Doravante, terás paz.

— Que-quem é você? — atreveu-se a perguntar.

— Somos a Luz que nunca deixou de existir dentro de ti, Vera.

E, retirando um bolo de dinheiro dos bolsos do cafetão:

— Pega, recomeça a tua vida do ponto imediatamente anterior ao de quando te desviastes. As cicatrizes não poderão ser apagadas, porém, no fundo, teu coração é forte e bom. Superarás.

Ela hesitou antes de perguntar, receando a resposta:

— Aquilo retornará?

— Não.

— E quanto a Vivian?

— Valentina encontrará seu caminho por seus próprios pés.

“Valentina”? Até então, Vera nunca soube o nome de batismo da amiga.

— Posso deixar uma parte do dinheiro para ela?

O rosto do cafetão sorriu:

— Sim, tu és uma boa moça e mereces reconstruir tua vida.

— Ela também.

Vera apanhou o molho de chaves das mãos do outro, abriu o quarto ao lado e deixou metade do dinheiro no criado-mudo, junto a um bilhete de despedida:

"Procure uma nova existência, Valentina (sim, fiquei sabendo, mas você diria que foi pesadelo se eu contasse como). Aqui, nunca encontrará o seu Edward. Adeus, minha amiga, e obrigada por tudo.

"Vera (e não Verushka)"

Apesar de tudo, sentiria saudade dela.

— E quanto a ele, digo, a você?

— Nós? — A voz era bela e harmoniosa, tão diferente daquele rosto repugnante que a mirava.

— Romualdo.

— Oh, esta vil criatura terá o desprazer de despertar naquilo que tu chamas de delegacia. Receamos dizer que fá-lo-ão de mulherzinha, conforme Valentina mencionara.

Vera meneou a cabeça face a justiça poética.

— Eu tornarei a vê-Lo?

— Habitamos a Luz de teu coração. Adeus. Reaprende a sonhar.

— Tentarei.

E o corpo do cafetão virou-se, saindo do quarto e do prédio pelas ruas desertas e sinistras.

Vera fez suas malas e dirigiu-se à Estação da Luz, a qual acabara de abrir suas portas. A viagem seria longa até a terra natal, todavia ela sabia que sua maior e pior jornada estava deixando para trás. Abandonava uma longa noite de pesadelos e, assim como o trem, iria reencontrar a aurora de um novo dia...

... Se o alvorecer assim o permitisse.

NOTA DO AUTOR:

Uma versão reduzida deste conto foi originalmente publicada na antologia "Enquanto Você Dorme" (Editora Ruppell, 2020). Aqui está a história na íntegra.



Roberto Schima: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Participei de duzentas e nove antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



CONTOS FANTÁSTICOS

UMA OBRA DO AUTOR

Roberto Fiori



DIGITAL E IMPRESSO

saiba mais: clique aqui



Bonitinho

CONTO

"Carlos Galã não participou de nenhuma falcatrua, nem de estelionato, mas é bonito de amargar, capaz de torturar a fantasia de qualquer donzela..."

IDICAMPOS

Carlos Galã não participou de nenhuma falcatura, nem de estelionato, mas é bonito de amargar, capaz de torturar a fantasia de qualquer donzela...

Ainda garoto, na escola, nas ruas — em todo lugar — era conhecido como Bonitinho.

Um sentimento de leão, fogo de fornalha, relutou em não ser canalha, entretanto, o destino não lhe seria aprazível...

Os olhos multicores assimilavam a cor do desejo da próxima conquista...

Um toque de mestre ao dedilhar o corpo da morena, ruiva, preta, nacional ou internacional. O cara do pedaço, especialista em mulheres mal amadas!

Tudo em cima, Carlos permanecia infeliz... Sonhava com o amor, carinho, delicadeza; sentimentos abandonados nos tempos atuais...

Trapaça da vida, absurdo do percurso, nunca gostou de estudar, foi com o apoio delas que comprou o primeiro carro importado, o apartamento no Leblon, a casa da montanha, etc.

O sucesso cobra o preço. O Galã perdeu a doçura, o sorriso sincero, o peito amigo, a humanidade, o respeito ao próximo; incorporou a personalidade mercenária!

Namorou o afeto do doutor, pegou a amante loura do presidente, comeu a imaculada da Igreja do Bispo de Deus, consolou as carências da assassina do marido, um predador de sentimentos...

Seu currículo, exemplar, estimularia o orgasmo das damas da Vila Mimosa!

Cansado da labuta, resolveu contrair relacionamento sério, conheceu a gata da PF.

Entre os romances protagonizados — sem dúvida — a paixão pela delegada da Polícia Federal marcou a existência do indivíduo. Uma fêmea digna de revista especializada revelou nele um homem de bem...

Os amigos estranharam o sujeito, acordou cedo, procurou emprego na internet... Estava decidido a alçar novo rumo para si mesmo.

As atividades o desanimavam. Trabalhou de garçom, servia mal; ingressou no telemarketing, tropeçava no idioma; arrumou vaga de caixa, tinha uma péssima matemática. Aliado as mazelas, chegava tarde ao serviço, nunca se subordinava à autoridade, um desastre no mercado de trabalho.

A esposa trazia os processos para casa, alegava muita investigação — cercava a atividade de mistérios — uns nomes estranhos, feito Fúria da Onça, Lava Jato, Xepa, Cueca de bolso e muito mais. Era muita informação... O pensamento do esposo travava na ignorância...

Bonitinho, afastado do ramo de amante profissional, alugou a residência anterior, vendeu o automóvel alemão, consignou os ternos italianos, abandonou as regalias.

O amor expandia o peito, só pensava na maravilhosa, todavia acostumara ao luxo, retornou a vida duvidosa, rapidinho... Armou, mentiu, chantageou, deu volta na própria sombra; sendo pego nas trapaças pela gostosa da Polícia Federal. Acuado, fugiu às presas, vítima da perseguição da agente que investia na ideia de coloca-lo atrás das grades!

Trazendo escondido entre as roupas da mala a certidão do divórcio, esperançoso de casar de novo, enveredou em direção à Angra dos Reis.

O ônibus o aguardava, às 13 horas, na Rodoviária Novo Rio. Chegou, sentou, acomodou o fone do celular no ouvido; partiu ao futuro inesperado...

Após a decepção amorosa, Carlos Galã remeteu a parentes distantes; em especial, uma tia de terceiro grau.

O urânio fervia na Usina Nuclear, quando Carlos avistou o balneário de Angra...

A condução encerrou a viagem, o passageiro abandonou o coletivo, indo direto à casa modesta da titia:

— Toc! Toc! Toc! — A batida, insistente, invadia o silêncio.

— Em que posso ajuda-lo? — Soava a voz cansada da senhora.

— Sou o Carlinhos, filho da falecida Noquinha. Invadiu o espaço, jogando a mala no sofá.

— Meu Deus! Menino, como cresceu, sente, fale... — Inventou umas lorotas, fixando residência.

Atraente, simpático, bom de papo, facilmente conheceu as pessoa certas; de pronto, frequentava a alta sociedade do local.

Lua cheia, dia de folia, festa regada a uísque escocês — o carioca acerta a sorte grande — tem o prazer de conhecer a filha de um político influente. Esbanjou um charme, impressionou a herdeira e se manteve indiferente à feiura dela...

A moça enfeitada, dominada por beijos, cede ao assédio, pede o casa nova em casamento, ele aceita, disfarçando inibição...

Engabelou a sogra, afeiçãoou o irmão, entrosou com os primos; no entanto, o espírito do sogro jamais relaxava diante do genro inconveniente...

O casório foi uma cerimônia de luxo, reunião de bacana, comemorada a champanhe francês, tira gosto com caviar, coisa de burguês!

A Lua de mel brilhou em New York, dinheiro a rodo, arrebetaram o limite da Alfândega, compraram de tudo!

A hospedagem aconteceu num casarão de luxo, em frente ao Central Park, o esperto rebentou a boca do balão!

O local remetia a filme de Hollywood (um colosso) ornado com bicas de ouro, tapete persa; uma decoração de alto padrão, coisa de patrão!

O gigolô, curioso, questionou a mulher a cerca da posse do imóvel valioso. A inocente soltou a língua:

— Papai ganhou de presente de um construtor.

— Por quê?

— Agradecimento por cessão de direito de reforma da malha rodoviária.

— Por que um mimo tão caro?

— Eram sócios...

O marido sorriu da situação: o pai da dona havia sido flagrado com as calças na mão...

O avião pousou no Aeroporto Internacional do Galeão, onde aguardava um helicóptero; na missão de transportar os pombinhos à mansão na Costa Verde, o novo lar.

Carlos Galã, curioso, desarrumou as malas, levantou a fraude da empreiteira, formulou um dossiê, guardou em lugar seguro...

O relacionamento apresenta as suas crises: um escuta pagode, outro música clássica; ela dança balé, ele joga futebol; a companheira adora ler, o companheiro um alienado. Estão juntos, porém se sentindo sós... Resta discutir a relação, então o amor troca de endereço...

Meu bem pra lá, meus bens pra cá, resumia o discurso de separação, sem direito a garantia. A certidão de casamento determinava separação total de bens.

Ambicioso, exigiu indenização por perdas e danos ao chefe da família. A autoridade repudia a demanda. O calhorda do marido da filha entra de sola, chantageia a velha raposa. O poderoso oferece os ombros, ironiza o meliante, nega qualquer reparação.

Os amores deixam mágoas, contudo trazem boas recordações... Fiado nessa ladainha, Bonitinho reatou com a policial...

Entregues aos delírios da alcova, o vingador denuncia os crimes de corrupção à delegada da Polícia Federal.

Ano de eleição, em Brasília, congresso atento à opinião pública. Ninguém detém a ação da Polícia Federal, o sogro fica com a corda no pescoço.

A delegada chefia a operação, cumpri a lei, efetiva a busca com apreensão, constata o crime, observa formação de quadrilha, um concurso de crimes. O despacho do juiz encerra o processo com a prisão dos acusados.

A autoridade, debochada, curti a cela VIP com hidromassagem, frigobar, televisão de infinitas polegadas e direito à assistência sexual.

Carlos Galã anda desocupado por aí... Cuidado!



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



Dinheiro Velho

CONTO

"Estava na solidão de uma noite de primavera quando veio à mente um comentário aleatório feito no trabalho."

IRACI J. MARIN

Estava na solidão de uma noite de primavera quando veio à mente um comentário aleatório feito no trabalho. Alguém falou sobre Vale Verde, um povoado encravado nos morros, com abundantes águas e vegetação exuberante. Ficava distante cinquenta quilômetros da cidade.

Apaixonado pela natureza e por aventuras, decidi fazer um passeio até lá no primeiro feriadão que aparecesse no calendário.

Preparei a mochila com algumas roupas, tênis, chinelos de dedo, que era uma novidade nas lojas da cidade, me acomodei no banco duro do Fusca 1300, de cor marrom, e peguei a estrada pedregosa em direção a Vale Verde, com a expectativa sobre o quê o passeio ia me oferecer e também incerto se conseguiria pouso e passatempo para três dias.

Instalei-me no único hotel do povoado, de madeira e com os banheiros separados do corpo da casa. Mas ofereciam uma comida muito deliciosa, com base nos produtos da região.

À tarde, caminhei pelas ruas de terra e cascalho. Parei numa bodega em frente à igreja. O proprietário estava meio estirado sobre o balcão alto. Quando entrei, ergueu-se e foi me atender, satisfeito. Ofereceu-me uma cadeira e uma mesa, ambas de fórmica azul esmaecido. Agradei, sentei e pedi uma cerveja. Trouxe a garrafa de cerveja e também um martelinho de pinga.

— É puríssima. Não tem igual em todo o município.

Sorvi a bebida num gole e gostei.

— É produzida ali embaixo, pelos Wiroski.

Pedi duas garrafas; ia levar uma de presente para o colega que indicara o passeio. A outra era minha, claro.

Ele sentiu confiança e sentou-se de lado na cadeira, com as pernas abertas.

— Vi logo que o senhor é da cidade.

Confirmei com leve balançar de cabeça. Olhou-me e, sem qualquer cerimônia, passou a contar sobre o povoado, destacando uma ou outra figura, sempre homens. Parou de falar, olhou-me com ar que me pareceu de mistério. Aí se levantou e foi até a porta, espiou para fora, fez um gesto torto com o braço direito e retornou para a cadeira.

— Olha, o povoado tem muitas histórias interessantes. Vou lhe contar uma de um cara que agora já está morto. Pra mim é uma história inacreditável... Mas todo mundo afirma que o caso aconteceu.

Eu me dispus a ouvir.

— Ele morava na encosta daquele morro — e apontou com a mão na direção da porta. — A casa dele tinha sido construída pelo pai, faz muito tempo. Os filhos do casal cresceram, casaram e foram embora de lá. Um veio morar aqui no povoado. Outros foram morar na sede do município e uns foram pra Caxias do Sul. Dizem que lá tem muita indústria e é fácil arrumar trabalho. Então eles foram pra lá. Na casa só ficou o mais novo. Ele deixou aquilo tudo virar uma tapera.

Perguntei se não tinha casado, se morava sozinho...

— Não casou. Aliás, dizem que ele foi morar e trabalhar em Garibaldi, que fica atrás daquele outro morro — levantou-se e foi até a porta para indicar a direção da

cidade. — Dizem que lá ele tinha uma mulher. Não se sabe por quê, mas não demorou um ano e ele já estava de volta. E morou ali, com os pais e uns irmãos, até ficar sozinho.

— Não é comum alguém, na colônia, viver sozinho — eu falei.

— É verdade. Os pais dele morreram, os irmãos foram todos morar em outras terras, a propriedade ficou só para o Tonho.

— Antônio...

— Isto. O Tonho era muito esquisito, sabe? Qual a mulher que ia se arriscar a viver com um cara igual a ele?

Aí a minha curiosidade aumentou.

— Este Tonho tinha um bocado de dinheiro guardado.

— É mesmo?

— Pois é. Mas não era pelo trabalho dele, não. Sabe por quê? Porque ele não trabalhava. Colhia o que a natureza dava, comia qualquer coisa que encontrava — frutas, ovos —, caçava algum animal no mato... Era um vagabundo e um desleixado. Andava sempre meio sujo, parece que tinha só uma muda de roupa.

— E como então ele tinha aquele bocado de dinheiro guardado?

— É que o pai dele, antes de morrer, distribuiu para os filhos homens todo o dinheiro que tinha conseguido com o trabalho e as economias que fez. Era um pão-duro, sabe? Dizem que o dinheiro não era pouco...

— Tonho não usou este dinheiro para melhorar a casa, comprar utensílios, instrumentos de trabalho... nada?

— Não. Depois a gente ficou sabendo. Ele guardou o dinheiro numa caixa de papelão e esta caixa estava escondida na parede interna do quarto dele, atrás da cama.

— Que coisa!

Naquele momento entrou uma idosa e ele foi atendê-la. Ela ficou olhando para mim, decerto a imaginar quem seria aquele desconhecido trajando roupas tão estranhas. Eu não referi antes e o faço agora: estava com um traje Safari, cor bege.

A mulher pediu uma e outra coisa e, a cada pouco, fixava o olhar em mim. Assim como entrou, saiu: olhando-me com olhar perscrutador. Eu ia ser motivo de comentários no povoado.

O bodegueiro retornou, trazendo outra cerveja. Sentou-se da mesma forma que antes, puxou a cadeira por entre as pernas, se acomodou bem e recomeçou a contar.

— Retomando a nossa conversa, eu contava a história do tal Tonho. Falam muitas coisas dele. Sabe como é lugar pequeno: todos sabem mais do que é verdade de fato. O Tonho não saía de casa, quero dizer: não saía de lá onde ele morava. Dizem que passava os dias dormindo, ou caminhando pelo pomar, pelo mato, pelas capoeiras... Dizem até que ele conversava sozinho. E assim ia vivendo.

— Era uma vida sem graça.

— É, sem graça e sem proveito. Ele nunca vinha aqui pro povoado, nem na igreja. Aqui todo mundo vai na igreja sempre, mas ele não.

Parou de falar, olhou para a porta do bar.

— Mas um dia ele morreu.

Levantei a cabeça, mais atento.

— Morreu. Os irmãos vieram pro velório, que foi na casa dele, e viram que estava tudo sujo, com muito inço no pátio, um desleixo completo. Fizeram o enterro no cemitério da comunidade, choraram e tudo o mais. Alguns foram embora logo, outros retornaram pra casa onde Tonho morava. Foi aí que descobriram a tal caixa com aquele bocado de cruzeiros.

— Cruzeiros?

— Veja só. Ele tinha guardado aquele dinheiro todo que ganhou do pai e já não valia nada. O senhor deve saber que o cruzeiro deixou de existir e passou a ser cruzeiro novo — aliás, uma grande bobagem que fizeram! — e o dinheiro dele teve um fim que ninguém imaginava: o lixo.

— Que coisa!

— É inacreditável. Ele perdeu uma pequena fortuna.

Incrédulo, perguntei:

— Mas isto é verdade mesmo?

— Verdade verdadeira.

Era a primeira vez que eu ouvia aquela expressão, tão redundante; era para não deixar dúvidas. Comentei:

— Dá até pra entender. Ele era um ignorante.

Puxou a cadeira para mais perto de mim e baixou a voz:

— Ele tinha cabeça fraca... Tem muita gente assim por aqui.

Olhei para ele, não lembro o que pensei ou se ia falar alguma coisa. Levantou-se e foi para detrás do balcão e lá ficou na mesma posição que estava quando cheguei.

Enquanto relembrava a interessante e inacreditável história de Tonho, tomei toda a cerveja. Paguei as bebidas e saí, agradecendo.

Já estava na rua, quando ouvi:

— Tem muitos lugares bonitos pro senhor visitar — chegou perto e foi nomeando-os, sempre apontando com o braço a direção de cada um.

Eu passei a ter bons motivos para satisfazer a expectativa de conhecer, não só os atrativos naturais de Vale Verde, mas também outras histórias interessantes e inacreditáveis daquela gente.

IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul — RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com).



Humanoide das Profundezas

CONTO

"Quando era menino pescava com meu pai no seu barco pequeno, ele sempre me levava para o lado oposto ao Recife do Diabo, porque dizia que lá não era lugar bom pra pescar."

NEY ALENCAR

1830.

Meu nome era Jedediah Marsh! Eu era pescador!
Desde sempre vivi às margens do grande mar, nas costas sombrias da velha cidade de Insmouth.

Quando era menino pescava com meu pai no seu barco pequeno, ele sempre me levava para o lado oposto ao Recife do Diabo, porque dizia que lá não era lugar bom pra pescar.

Naquela época a cidade ficava cheia de embarcações de todos os tipos, que vinham das terras mais distantes e traziam de tudo, desde as mais exóticas especiarias do oriente até frutas e animais que ninguém nunca tinha ouvido falar.

Havia sempre marinheiros estranhos de pele morena ou negra andando pelas ruas e enchendo o cais com suas histórias e cantorias de terras longínquas, cantadas ou contadas em línguas que poucos conheciam.

Era uma época de maravilhas! Mas naquela época éramos apenas meu pai e eu.

Minha mãe havia morrido no parto, meu pai contava, e ele nunca mais procurara mulher nenhuma!

Por vezes ficava olhando o mar, da beira do cais, olhando para os lados do nefasto Recife do Diabo, e eu o via chorando, mas nunca me falou dela.

Nem nossos parentes, os Marsh que tinham uma casa grande no centro da cidade gostavam de falar dela.

O cabeça da família naquela época era o Capitão Obed, parente por parte de mãe de meu pai.

Queria que eu entrasse para o negócio mercante da família, mas meu pai me proibiu de aceitar qualquer oferta deles ou sequer de falar com eles. Dizia que eram homens ímpios! Eu não sabia o que isso significava, mas não o quis contrariar.

Alguns anos depois, quando já estava mais crescido comecei a pescar sozinho, pois meu pai já estava velho para aguentar o repuxo das ondas e o sol inclemente.

Mesmo assim continuava a evitar as águas do Recife do Diabo, mais por respeito aos desejos de meu pai do que por outra coisa, já que os barcos que iam pescar lá voltavam sempre cheios de peixe.

Um dia, porém, sobreveio o desastre!

Fazia algum tempo já que meu pai não ia pescar e precisei ir à cidade para comprar remendos para as redes que estavam puídas.

Nesse dia ele pegou nosso pequeno barco e remou sozinho em direção ao Recife do Diabo.

Foi a última vez que o vi com vida!

Sobreveio uma tempestade de verão naquela tarde e todos os pescadores que foram para aqueles lados reclamaram das ondas gigantes e da agitação dentro das profundezas.

Ora, o lugar já era danado de ruim sem nada daquilo!

O Recife do Diabo era um lugar no mar aberto, perto da costa onde as águas desciam à profundidades incalculáveis, uns diziam que não tinha fundo, outros que havia uma cidade submersa lá nas profundezas e que algo antigo e mau morava ali!

Emprestei o barco de um primo e fui atrás dele, as ondas vinham como vagalhões quase virando o barco pequeno, não podia usar as velas, tive que remar o tempo todo, lutando contra as águas, que eram como uma coisa viva, imensa e raivosa.

O céu havia escurecido como se já tivesse caído a noite e mal conseguia ver as luzes do porto muito distante, perdidas entre as vagas do horizonte.

Súbito o oceano serenou de imediato, foi como se toda a água parasse de uma vez e as ondas baixaram, um cheiro forte de peixe esfolado veio com o vento morno.

As águas ficaram negras de tão profundas e lisas como a superfície de um espelho, podia ver a lua gorda saindo de detrás de umas nuvens como se ela estivesse dentro do mar.

Subitamente assomaram à superfície bolhas de ar como se o mar fervesse e toda aquela parte das águas tremeram e se agitaram, e uma enorme quantidade de peixes subiram à superfície, na maioria atuns e peixes-voadores, pulando e saltando como se voassem pela superfície do mar, como se quisessem voar para o céu!

Um leve tremor moveu o barco, senti alguma coisa agarrar o remo que eu segurava, e foi como se uma presença estranha estivesse ali ao meu lado, depois ouvi um barulho agourento do retinir da caixa de ferro da bíblia de meu primo e tudo pareceu romper-se.

A superfície do mar encapelou-se e redemoinhou com uma tempestade que surgiu do nada e vi ao longe o barco de meu pai.

Remei até ele, mas ele não estava lá! Sumira para sempre naquelas águas amaldiçoadas!

No barco restava apenas aquele cheiro forte de peixe de um jeito que nunca sentira antes!

Voltei para casa muito triste, rebocando nosso barco, e a todo tempo sentia que havia uma presença me seguindo de dentro da água, mas por mais que olhasse nas profundezas negras não consegui ver nada.

Foi nessa época que o Capitão Obed sofreu uma terrível mudança. Dizia que todos deviam abandonar a fé cristã e que deviam adorar aos deuses pagãos que poderiam lhes dar todo o peixe que conseguissem pescar por apenas alguns sacrifícios e que aqueles sim é que eram deuses verdadeiros!

Eu não sabia o que havia acontecido, mas foi com horror crescente que ouvi as histórias sussurradas pelos becos escuros ao redor do cais sobre uma viagem estranha que fizera até uma ilha desconhecida para lá do Taiti, onde encontrara uma tribo que faziam sacrifícios humanos para criaturas anfíbias que habitam as profundezas e sobre um acordo profano realizado com aquelas coisas que não eram humanas, um acordo blasfemo com adoradores de coisas mais antigas que o próprio homem!

Os marinheiros mais velhos, recusavam-se a fazer negócios com ele por causa desses rumores, mas os mais novos, principalmente os parentes mais próximos foram todos recrutados para seus navios que agora faziam as rotas marítimas para o Pacífico Sul.

Desses que seguiram com ele alguns não voltaram!

Outros retornaram completamente mudados, como se tivessem passado por uma experiência horrenda ou uma coisa que lhes havia capturado parte de sua alma imortal.

A alegria os abandonara, e alguns até mesmo a vontade de viver!

Com o tempo seus navios passaram a ter fama de assombrados, pois era alarmante como muitos dos marinheiros que seguiam para as rotas do Pacífico Sul já não voltavam, e ficou cada vez mais difícil encontrar uma boa equipagem para manobra-los.

E os que voltavam pareciam alterados, como se a própria essência do que eram feitos houvesse sido modificada de alguma forma sobrenatural, como se algum horror cósmico e inominável houvesse caído sobre eles de forma inexorável! Como se tivessem feito coisas horrendas, das quais se arrependiam amargamente.

Certa vez ouvi dois desses marinheiros sussurrando em um dos becos imundos da beira da língua de areia na orla do cais.

Um deles era um sujeito esquisito, magro como um varapau, as mãos ossudas eram marcadas pelas veias azuladas, mesmo sob a pele morena curtida de sol, e a pele entre seus dedos estendia-se além do que era comum em um homem, o mais estranho era seu pescoço também ossudo, mas cuja pele parecia despregada da carne em pregas profundas e caídas formando pequenas ondulações e cheias de veias azuladas na base do pescoço, o rosto apático tinha olhos esquisitos, arredondados, esverdeados e aquosos que brilhavam de forma estranha ao luar, como se já não fossem humanos.

O outro marinheiro, um sujeito meio gordo e atarracado, com a testa proeminente de uma maneira angulosa e pisciana, e a pele escamosa e grossa caindo sobre os olhos possuía um lábio leporino e movia-se com um gingado lento e anfíbio, de uma forma que nunca havia visto antes.

Ambos emanavam um miasma desagradável de água salobra e um odor forte de peixe estragado, de tal maneira insuportável que me causou ânsia. Me contive, pois estava por demais interessado naquilo que os dois sussurravam com suas vozes roucas e gorgolejantes em um idioma que era uma desagradável corruptela de nossa própria língua.

O marinheiro magro cuspiu de lado e depois reclamou do Capitão Obed e de como ele os explorava fazendo com que fossem obrigados a traficar com criaturas não-humanas que vinham das profundezas e dos sacrifícios humanos que tinham que fazer para apaziguá-las e de outros tipos de sacrifício, mais lúbricos e escandalosos que consumiam seus corpos e suas vontades.

O outro colocou os dedos membranosos sobre o lábio leporino em um sinal de silêncio, indicando que havia olhos e ouvidos por todo aquele lugar e que os negócios do Capitão eram apenas dele e de mais ninguém desde que lhes pagasse corretamente.

O marinheiro magro reclamou de novo, dizendo que não queria ser obrigado a se misturar com aquelas criaturas metade-homem metade-peixe que vinham das profundezas, e que suas mulheres de pele escamosa e gelada eram asquerosas ao tato, e que o Capitão Obed não podia obriga-lo a copular com aquelas mulheres, mesmo que ele próprio houvesse tomado uma delas por esposa. Afinal elas não eram mulheres de verdade, aquilo era uma aberração e uma blasfêmia contra a natureza e ele não queria mais participar daquilo.

O outro marinheiro, numa voz borbulhante, repreendeu-o dizendo que se calasse sobre coisas que não lhe diziam respeito e que se o Capitão quisesse que ele tomasse uma esposa daquelas criaturas anfíbias das profundezas, ou se quisesse que ele copulasse mil vezes com outras delas então era isso que ele devia fazer, para não ter o fim que o jovem Timothy tivera.

O marinheiro magro pareceu pensar durante alguns segundos, como se lembrasse de alguma coisa e vi que um arrepio que não era de frio passou sobre ele, como se um súbito medo o dominasse.

Gaguejou alguma coisa sobre algo que tinha visto dentro da água certa noite de lua cheia quando fora obrigado a se acasalar com aquelas criaturas horrendas, algo apavorante e amorfo que havia vindo até ele enquanto ainda estava copulando com aquela mulher-peixe e que o havia tomado e violado de forma horrenda e o havia impregnado com aquela semente gelada e pestilenta como peixe apodrecido, e balbuciando coisas sem sentido persignou-se várias vezes.

Diante daqueles gestos o outro marinheiro afastou-se um pouco, como se os gestos de persignação lhe causassem um asco involuntário e o exortou para que deixasse essas coisas de lado e não fizesse aquilo de novo, sob pena de sentir a ira do Capitão!

Depois disse que a paga era boa, e daí se lhe pediam para copular com alguma coisa inumana? Não era ele que iria sustentar os rebentos advindos daquelas uniões profanas. E ele até mesmo gostava da pele fria e escamosa delas e dos prazeres que lhe proporcionavam!

O marinheiro magro desdenhou do fato, tirando algumas moedas brilhantes do bolso e mostrando-as rapidamente para o outro com desdém, dizendo que por mais que valessem muito ninguém queria pagar por elas e de que adiantava ter ouro se não podia usá-lo.

O outro pediu silêncio novamente e pegando o marinheiro magro pelo braço levou-o para uma das muitas tavernas da beira do cais, desaparecendo pela porta limosa de uma delas.

Depois daquela conversa estranha não vi mais o marinheiro pela cidade, nem mesmo no dia seguinte quando o brigue em que navegava, o Columby, deixou o porto.

Nos dias que se seguiram saí para pescar sozinho, mas não consegui pegar muito peixe.

Como se os cardumes se afastassem do meu barco, talvez por causa daquele cheiro estranho de peixe que por mais que eu lavasse não conseguia fazer sumir.

Afinal, já há quase quinze dias sem pescar nada resolvi fazer como os outros pescadores da minha família e remei para as águas profundas depois do Recife do Diabo.

Não sei porque mudei de ideia tão grosseiramente, foi como se algo naquele cheiro, algo horrendo entrasse em minha mente, consumisse meus pensamentos com visões sobre minhas redes cheias de peixe e a riqueza das moedas de ouro em meus bolsos.

Talvez tenha sido isso, não sei!

Só sei que certa manhã eu remei para lá com meu barco! Era um dia meio nublado e o barco de meu pai parecia mais pesado do que o comum quando o arrastei pela areia para as águas frias.

Remei inclemente mar adentro, senti o vento forte e salgado que vinha de lá umedecendo meus cabelos e revigorando minhas forças, como se me alimentasse de um vigor totalmente desconhecido.

Passei a arrebentação e remei para além do Recife do Diabo, pelas ondas revoltas, quando o sol do início da manhã veio eu já estava no meio das águas negras e profundas, pairando sobre a boca aberta da fossa profunda.

Assestei as linhas para os peixes maiores e desci a rede para os menores.

A manhã veio e foi, o sol saiu algumas vezes, mas a maior parte do tempo o dia ficou nublado, parecia que ia chover, as ondas se encrespavam algumas vezes e amainaram depois até que veio o crepúsculo.

Estava recolhendo as redes cheias de peixes, pesadas como se todos os peixes do mar estivessem presos nelas, quando senti um repelão e caí dentro da água.

Fiquei zozzo com a queda e engoli muita água, mas quando consegui me desvencilhar da rede olhei ao redor e foi então que a vi, ali na minha frente, alguma coisa que era uma mulher e ao mesmo tempo não era!

Seus grandes olhos arredondados, grandes como olhos de peixe, eram azuis de um cerúleo escuro e iridescente, brilhavam com a luz refletida pelos últimos raios de sol.

Sua boca era larga, a pele parecia esverdeada pela cor da água e seus cabelos esvoaçavam levados pelas correntes marinhas, de uma forma fantasmal que me tirou o fôlego.

Notei que seus dedos das mãos e dos pés eram como os dos anfíbios e havia guelras em seu pescoço que se abriam para deixar entrar a água salobra! Foi por um momento apenas! Logo em seguida, assustada talvez pela minha aparição a mulher sumiu, nadando vigorosamente para as profundezas.

Senti-me atraído para segui-la, mas não o fiz. Sabia que morreria sem ar antes de alcançá-la.

Voltei ao barco, puxei as redes e os anzóis e, com a maior pescaria que já conseguira em toda minha vida, voltei para casa!

A visão daquela criatura, ou daquela mulher, não sei dizer o que era, me assombrou pelos dias que se seguiram e fiquei um tempo sem voltar naquelas águas, mesmo com a perspectiva de outra pescaria exuberante como aquela.

Não sei se com medo de reencontrá-la ou com mais medo ainda de segui-la para as profundezas!

Acredito que era aquilo à que os marinheiros se referiam quando falavam das mulheres-peixes, mas ela me parecia diferente, como um humanoide das profundezas!

Sua visão ainda me mesmerizava e atormentava, com um desejo lúbrico que não conseguia esquecer, alguma coisa primordial que surgia de minhas próprias entranhas, algo que estava arraigado dentro de mim, como um estranho legado!

Não conversei com outras pessoas sobre isso. Sei bem o que esperar, o brutal ostracismo de meus companheiros pescadores ou a sua zombaria, que seria ainda pior.

Foi nessa época que o Capitão Obed deu início às reuniões da sua Ordem Esotérica de Dagon, e uma noite fui convidado para participar.

Lembrava-se bem das exortações de meu pai contra ele e as impiedades que praticava, mesmo assim a curiosidade lúbrica me levou a subir os degraus de pedra daquele lugar execrável.

Aquela noite horrenda marcou para sempre minha vida, pois finalmente fiquei sabendo dos horrores e das blasfêmias perpetradas pelo Capitão Obed e por seus associados, de tal forma aquilo me impressionou que mesmo agora a escuridão absconsa não consegue apagar a implacável lembrança daqueles ritos demoníacos e orgiásticos... não posso falar deles... daquele sacrifício do pobre Babcock, cujos gritos de terror e dor ainda repercutem em meus ouvidos, do sangue e de outros líquidos lúbricos escorrendo sobre as pedras daquele altar maldito ou da coisa sem forma que caminhou pelas pedras do fundo do poço que se abria na extremidade do salão e que, jogando-se sobre o corpo do jovem, conspurcou-o com sua lascívia, devorou sua sanidade e consumiu tudo o que restara daquela pobre alma!

Foi horrendo demais até mesmo para um maníaco como o Capitão Obed ou para seus asseclas que observavam a cena contritos, mas em seu rosto só vi o calor concupiscente da ganância, diante daquilo que a coisa amorfa deixou aos pés do altar quando retornou saciada e languida para dentro do poço, deixando atrás de si um rastro de sangue e carne.

Aquele ícor esbranquiçado e nauseabundo, cujo odor forte fedia a peixe putrefato, e que para eles era tão valioso como aquele tesouro que os baleeiros procuravam ao caçarem os elusivos cachalotes!

O odor queimava minha garganta, era difícil respirar ali, aquele cheiro me intoxicava e fazia a cabeça girar.

Não sei como sai daquele antro de blasfemas profanidades!

Desci os degraus cambaleante e dali fui em direção à língua de areia que margeava o quebra-mar. Ninguém foi atrás de mim. Esperava que me perseguissem, mas eles apenas olharam para mim com surpresa e vi que os olhos do Capitão Obed pareciam saber aquilo que se passava comigo e que aquele conhecimento horrendo o intrigava de alguma forma, como se tivesse feito uma descoberta inusitada que jamais esperara ver!

A lua gorda nascia outra vez no céu, iluminando as águas, sem pensar duas vezes entrei por elas, estavam cálidas como se aquecidas por alguma coisa sobrenatural.

Desfiz-me das roupas, não sabia bem porque o fazia, mas elas pareciam atrapalhar meus movimentos, como se fossem desnecessárias para o lugar onde iria.

Nadei, como nunca antes havia nadado, como se a água, o mar, fosse meu elemento, mergulhei várias vezes e logo vi que estava chegando à beira do Recife do Diabo.

Não me surpreendi, apenas continuei.

Agora todos aqueles horrores que havia presenciado pareciam nublados em minha mente, sentia que não eram nada em comparação com aquilo que ainda iria presenciar, aquilo que era a minha herança!

Passei por sobre o recife maldito e continuei nadando, em direção àquelas águas negras e profundas.

A superfície do mar estava como um espelho, como naquele dia em que perdi meu pai.

Quando cheguei no centro da grande fossa mergulhei, foi então que vi que pouco abaixo de mim estava aquela mulher-peixe, estava me esperando, agora sei disso, ela havia me acompanhado desde a praia.

Olhou para mim com aqueles olhos ceruleanos brilhando nas réstias de luar que cortavam as águas e mergulhou. Eu a segui. Sabia que não iria mais precisar respirar, não como os outros homens, pois podia sentir as guelras se abrindo na pele de meu pescoço, sugando a água salobra e bebendo o oxigênio.

Aquilo fora a obra daquele ícor de procedência abominável que aquela coisa ejaculava sobre o altar de sacrifícios naquele ritual demoníaco. Aquilo havia aberto meus sentidos!

Aquilo era a herança genética que minha mãe havia deixado em mim, minha mãe que agora eu sabia era uma daquelas criaturas anfíbias, uma das mulheres-peixes que viera daquela ilha desconhecida seguindo o navio do Capitão Obed e que se apaixonara por meu pai e lhe dera um filho.

Era ela que nadava na minha frente agora, guiando-me para as profundezas, para a cidade de meus ancestrais!

Agora eu sinto as correntes marinhas correndo ao meu redor e sinto as águas frias à medida que nado para as profundezas escuras abaixo.

Sinto os movimentos dela ao meu lado e isso me conforta, pois, as profundezas são frias, mas agora eu não estou mais sozinho.

Foi somente então que tomei consciência do supremo horror que me assombraria por toda a minha vida e além dela!

Eu também era um humanoide das profundezas!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

Revista Conexão Literatura

imprima e jogue com o seu amor



Ganhe um beijo

Avance duas casas

Ganhe uma massagem



Amor
ESTÁ
NO AR

Declare um poema

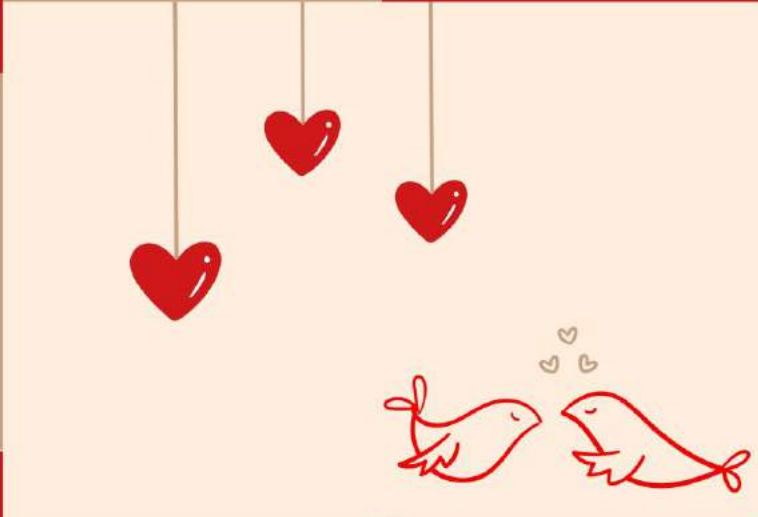
Cante uma música que lembre nós dois

Ganhe um abraço apertado

Volte três casas

Beijo na nuca

Relembre nosso 1º encontro



Volte uma casa

Ganhe uma massagem

Volte quatro casas



Já são mais de
342 mil seguidores
Facebook + Instagram + Youtube



Acesse o QR Code e
conheça o nosso Mídia Kit

Site: + de
3 milhões de acessos
www.revistaconexaoliteratura.com.br

PATROCINE A

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015
91 edições
disponíveis

entre em contato:
ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale



Ademir Pascale
Escritor e Editor

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE
AMAMOS
LIVROS

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.02.2023

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd